WWW.PLACAR.COM.BR
COLEÇÃO
PLACAR
Grandes perfis de PLACAR
Abril
ED. 1242 | SETEMBRO 2002 | R$ 4,90
Túlio
Garrincha
Marinho
Josimar
Botafogo
OS 23 MELHORES PERFIS JÁ PUBLICADOS NOS 32 ANOS DE PLACAR.
GARRINCHA, RODRIGO, ALEMÃO, MENDONÇA, ROBERTO, ZÉ CARLOS,
ZAGALLO, JOSIMAR, TÚLIO, AÍLTON, CLAUDIOMIRO E MUITOS OUTROS
Rodrigo
Brito
Jairzinho

**SÉRGIO XAVIER FILHO**
DIRETOR DE REDAÇÃO

# Tesouros no armário

Ele tem 1,80 m, pesa uns 200 quilos, é largo como um armário. Está sempre no cantinho da redação, meio encostadão na parede. Sabe tudo o que aconteceu no futebol brasileiro dos últimos 32 anos e guarda lembranças de todos os ídolos dos nossos clubes. Se fosse um ser humano, mereceria toda a reverência do mundo. O nosso armário das encadernações é o maior patrimônio da PLACAR. Lá estão 1233 edições (fora os especiais) encadernadas em 128 volumes. Vivemos abrindo suas portas, tirando dúvidas ou simplesmente nos deliciando com alguma matéria que tenha marcado. Esse tesouro merecia ser dividido com mais gente. No ano passado, lançamos a "Coleção 13 clubes", contamos em 13 revistas as melhores reportagens de Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético-MG e Bahia publicadas desde março de 1970. O enfoque nessa primeira série eram as conquistas, as reportagens que contaram os principais títulos dos clubes. Agora atacamos forte nos perfis, os grandes ídolos de cada época.

A seleção dos melhores do Botafogo revela um certo desequilíbrio. Não por culpa ou vontade da PLACAR, mas por conta do próprio clube que concentrou seus melhores momentos nos anos 60/70. E tem cada texto divertido... O de Marinho Chagas, que dizia brincando que Bobby Moore era a mãe. Palmas para o autor da reportagem, Teixeira Heizer. Ou o do gordo Claudiomiro, escrito por Luiz Augusto Chambassus e simplesmente impagável. Há emoção na edição do Botafogo. Prepare-se para ler o relato dos acidentes do goleiro Zé Carlos e do ponta Marinho. E tem muito mais no Fogão. Zagallo, Roberto Miranda, Jairzinho, Túlio, Alemão e grande elenco.


Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Vice-Presidente e Diretor Editorial: THOMAZ SOUTO CORRÊA
Diretor Editorial Adjunto: LAURENTINO GOMES

Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidente Comercial: CARLOS R. BERLINCK
Diretora de Publicidade Corporativa: THAIS CHEDE SOARES B. BARRETO

Diretor de Unidade de Negócio: Paulo Nogueira
Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: [illegible] Coordenação: [illegible] Atendimento ao leitor: [illegible] Colaboradores: [illegible]

www.placar.com.br

Apoio Editorial: Depto. de Documentação: [illegible] Abril Press: [illegible] Prepress: [illegible] Publicidade: Diretor de Vendas: [illegible] Diretor de Publicidade Regional: [illegible] Diretor de Publicidade Rio de Janeiro: [illegible] Executivos de Negócios: [illegible] Gerentes de Vendas: [illegible] Executivos de Contas: [illegible] Coordenadora: [illegible] Núcleo Abril de Publicidade Diretor de Publicidade: [illegible] Gerentes de Vendas: [illegible] Gerente de Classificados: [illegible] Marketing e Circulação: Diretor de Marketing: [illegible] Assistente de Produto: [illegible] Gerente de Marketing Publicitário: [illegible] Promoções e Eventos: [illegible] Projetos Especiais: [illegible] Processos: [illegible] Gerente de Processos: [illegible] Gerente de Circulação Avulsas: [illegible] Gerente de Circulação Assinaturas: [illegible] Assinaturas: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: [illegible] Diretor de Vendas: [illegible]

Em São Paulo: Redação e Correspondência: [illegible] Publicidade: [illegible] Classificados: [illegible] Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte [illegible]

Publicações da Editora Abril: [illegible]

PLACAR [illegible]

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112, Demais localidades: 0800-704-2112
Para anunciar: Grande São Paulo: 3990-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

 ANER

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Gabinete da Presidência: JOSÉ AUGUSTO PINTO MOREIRA, MAURIZIO MAURO, THOMAZ SOUTO CORRÊA
Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO
Vice-Presidentes: CARLOS R. BERLINCK, CLAUDIO MONTEROSSO, GIANCARLO CIVITA, JOSÉ WILSON ARMANI PASCHOAL, VALTER PASQUINI
www.abril.com.br

*Ele marcou época, com toda sua irreverência, no Botafogo. Jogou lá de 1967 a 1971. No ano de sua estréia, fez os três gols da virada na final da Taça Guanabara contra o América, fechando o placar em 3 x 2. De quebra, foi indicado por Pelé como um de seus prováveis sucessores.*

POR ARISTÉLIO ANDRADE

# O Negão falou, está falado

**DOS ELOGIOS, DAS FESTAS, PAULO CÉSAR TEVE A SUA TARDE DE VAIAS NO MORUMBI. NÃO FOI FÁCIL SUPERAR AQUELE DIA. MAS UMA ENTREVISTA DE PELÉ À PLACAR COLOCA O "NARIZ DE FERRO" DE NOVO LÁ EM CIMA**

O substituto de Pelé na Seleção Brasileira pode ser um cara de 22 anos, tarado por roupas e sapatos — não sabe quantas calças, camisas e sapatos tem —, que gosta da companhia de moças pra frente e toda semana vai a boates e anda livremente — por enquanto — dentro do Maracanã.

— Acho que não haverá dificuldade quanto ao estilo de jogo. Eu jogo na frente, mas voltando, como Pelé. Outro dia ele disse que joga na frente quando os pontas dão conta do recado, que nesse caso não há necessidade de voltar.

Meu caso é o mesmo. Contra o Campo Grande, a coisa engrossou. Nada dava certo. Lembrei do Negrão e voltei. A coisa deu resultado e conseguimos empatar. (Paulo César)

### Obrigado, Pelé

Paulo César vibrou quando leu a entrevista de Pelé à PLACAR apontando-o como seu eventual substituto na Seleção. Ele acha o Negão um cara muito legal, um jogador fora de série, um craque que tão cedo não será igualado. Mas tem razões maiores para ser ligado no Pelé.

Com a faixa de campeão carioca de 1971: Paulo César só não imaginava que o título escaparia no final

— Vai na bola, Nariz. Levanta a cabeça. Joga teu jogo.

É Pelé gritando dentro de campo. Nas arquibancadas do Morumbi, vaias e mais vaias. O torcedor não aceita a barração de Rivelino, menos ainda por Paulo César, um menino que se sente esmagado pelas vaias, que deseja apenas mostrar seu bom futebol.

— Aquilo me arrasou. Eu nunca tinha sido vaiado daquela maneira. Depois daquele jogo com o Chile eu me sentia uma minhoca. Foi quando o Negão começou a me ajudar, bacana mesmo. Ele levava aquele plá comigo, fui recuperando meu moral.

Paulo César passou a ser o centro da preocupação dos responsáveis pela Seleção. Ele era um menino — ainda é — muito vulnerável, toda a vida só ouvira elogios e, de uma hora para outra, todos o criticavam; apesar dos conselhos de Pelé, a vaia ainda doía em seus ouvidos. Foi quando alguém lhe deu o livro *Ajuda-te pela Psiquiatria*.

## Obrigado, Seleção

— Com a ajuda do pessoal eu melhorei. Mas, francamente, foi lendo o livro que comecei a confiar em mim.

Longe do Brasil, já nos campos do México, Paulo César pôde mostrar seu futebol. Entrou contra a Inglaterra — o jogo mais duro do Brasil — e deu conta do recado, como se fosse um veterano. Não jogou para a torcida, mas foi de uma eficiência total.

Na volta ao Brasil é que Paulo César ia mostrar quanto foi injusta a vaia daquela tarde de domingo. O Botafogo entrou no Robertão cheio de problemas; mas nada perturbou o excepcional futebol de Paulo César. Na ponta, no meio (sua primeira posição), ou como apoiador, Paulo César mostrou que é craque. Jogou tanto a ponto de Pelé indicá-lo agora como o homem que vai disputar com Tostão a camisa 10.

## Obrigado, Salim

O Paulo César, sempre acompanhado de garotas, vestindo roupas de cores berrantes, eternamente sorrindo, freqüentador de boates, este Paulo César pode substituir Pelé?

— Pode sim. Paulo César é um anjo com fama de diabo. Um bom e bem comportado menino, que tem apenas um defeito: joga demais. (Salim Simão, da Casa Civil do ex-governador Negrão de Lima e botafoguense de quatro costados.)

A verdade é que Paulo César é um profissional muito responsável.

Vai a uma boate, conversa com os amigos, dança, diverte-se. Só que não bebe. Não bebe mesmo. Ou melhor, bebe muito suco de uva com gelo picado, sua bebida predileta. Não fuma e sabe se cuidar:

— Eu não preciso ficar encerrado numa concentração. Gosto de minhas boates, mas três dias antes de qualquer jogo, contra grande ou pequeno, vou dormir cedo, sem que ninguém mande ou peça.

## Cheio de roupas

Uma vez João Saldanha disse que Paulo César é tão criança que troca dois ou três calções quando passa algumas horas na praia.

Este Paulo César existe mesmo, infantil, sem saber quantas roupas tem.

— De manhã coloco uma beca. À tarde troco-a. De noite ponho outra. Gosto de roupas e sou vidrado num sapato. Não sei quantos tenho. Nunca contei.

"Eu não preciso ficar encerrado na concentração. Gosto de minhas boates, mas três dias antes de qualquer jogo, vou dormir cedo, sem que ninguém mande ou peça"
PAULO CÉSAR

Seu guarda-roupa já ganhou fama, principalmente pela riqueza de cores. Vai ser até exibido pela emissora de TV BBC, de Londres, em reportagem especial.

Os ingleses vão conhecer o jovem Paulo César. Os italianos já conhecem bem o jogador. Terminada a Copa do Mundo, o técnico Heleno Herrera não fez por menos: "Eu queria ter um time com dez Paulo César. Para mim, ele é o melhor jogador do Brasil".

## Para a Itália?

Os dirigentes do Milan levam muita fé no que disse Herrera. Um amigo de Paulo César entrou em contato com eles, soube que o clube gostaria mesmo de comprar o passe do atacante. Só que a lei italiana, por enquanto, proíbe a importação de jogadores estrangeiros.

O futebol na Itália é duro, disputado no tranco, jogado na lama, exige resistência física excepcional. Paulo César vai agüentar?

Apesar das boates, das moças, que sempre o acompanham?

Se não mudar seu ritmo de vida, agüenta fácil. Na última apresentação dos jogadores da Seleção, apenas para avaliação de capacidade física, Paulo César foi um dos melhores e o mais veloz de todos, disparado.

Enquanto o Milan não consegue dar uma volta na lei italiana, Paulo César joga seu futebol e seu amigo prepara um relatório sobre a vida do jogador, para ser entregue aos italianos. Um relatório em que a entrevista de Pelé a PLACAR é o documento principal:

— O Negão falou, tá falado. Não há gringo que deixe de aceitar tal recomendação.

*Ele nunca ganhou um título, mas nem por isso deixou de gravar seu nome na galeria de craques do time. Criticado por seu temperamento explosivo e pela vida desregrada que levava, Marinho virou unanimidade no quesito mais importante: ser o melhor lateral-esquerdo do clube pós-Nilton Santos.*

# "Bobby Moore é a mãe"

**UM CARA DE 20 ANOS, CHEGADO DO NORTE, ESTREANDO COMO BEQUE. TUDO LEVAVA A CRER QUE ALI ESTIVESSE O MAPA DA MINA. O SANTOS LANÇOU OS DOIS PONTAS POR LÁ. E NADA**

POR TEIXEIRA HEIZER

"**O**lá, Bobby Moore."

"Bobby Moore é a mãezinha."

O diálogo, nas alamedas que circundam a velha sede do Botafogo, não passa de uma brincadeira.

Com um sorriso carinhoso, sem nenhuma maldade, a conversa entre o menino e o rapaz chega ao fim:

— Eu sou eu. Ninguém tem direito de me chamar de Bobby Moore, mesmo que eu tenha a cara dele.

Quem não admite ser Bobby Moore é o lateral Marinho, que, de ilustre desconhecido, transformou-se em herói ao fim do jogo Botafogo e Santos. Nos seus 20 anos, quase garoto, usando roupas ultra-coloridas, ele já ganhou a simpatia de todos em General Severiano.

— Estou na minha. É isso mesmo, minhas roupas são todas assim, bem coloridas. Uso botas e gosto de andar despenteado. Acho que estou certo. Os outros, com suas roupas tristes, é que estão errados.

Logo depois do jogo com o Santos, Marinho disse, referindo-se à sua atuação, que "o Brasil precisa de bons laterais". Agora, modifica um pouco sua maneira de falar:

— Eu me julgo um bom jogador. Não é máscara, não. Mas acho que ainda tenho muita coisa a aprender. E aqui, no Botafogo, lateral-esquerdo tem que honrar a posição. Afinal, ninguém consegue esquecer Nílton Santos.

O futebol aconteceu na vida de Francisco das Chagas, nascido em Natal, no dia 8 de fevereiro de 1952, como uma coisa muito natural.

— Somos nove, três irmãs e seis irmãos. O Clodoaldo jogou no ABC e chegou à Seleção do Rio Grande. O Dedeca era do Alecrim e também chegou à Seleção. O Luís foi do Riachuelo e um outro irmão, meu xará, jogou pelo Esporte. Agora eles não querem nada com a bola, já estão fora da idade.

Marinho começou no Riachuelo em 1969. Nem chegou a jogar nos juvenis — foi direto para o time profissional. Na estréia, contra o Ferroviário, foi o craque do jogo.

— Fiquei emocionado. Ganhei um rádio como prêmio.

Do Riachuelo, um clube pequeno, Marinho se transferiu para o ABC. Foi campeão estadual em 1970. No ano seguinte, o Náutico pagou Cr$ 20 000 por seu passe.

— Ganhei um carro de luvas, que já desfilo nas ruas do Rio. Lá no Recife eu ganhava pouco: Cr$ 2 000 por mês. Aqui, passei para Cr$ 6 000. Uma grana um pouco melhor, né.

O dinheiro não é tudo para Marinho. Com ou sem futebol, ele teria vida mansa. Seu pai é dono de uma granja, com plantação de coqueiros e criação de galinhas.

— Mas, olha, bom mesmo é jogar bola. Ser aplaudido, ter muitas namoradas.

O velho Tomás queria ver Marinho com boas notas no colégio.

Ele não passou da 3ª série ginasial, rebelde aos conselhos do pai e dos irmãos Toinho, engenheiro eletrônico, e Marinho, médico.

— É, mas agora começo a pensar melhor. Vou fazer o "artigo" e enfrentar um vestibular.

O ideal de Marinho é ficar definitivamente no Rio. O Botafogo o tem por empréstimo até dezembro, com o preço do passe orçado em Cr$ 300 000.

— O bom futebol é jogado aqui. Além disso, a imprensa nos promove mais. E eu parto do seguinte princípio: quem se esconde é tatu. Mas, veja, não reclamo do passado. Lá no Nordeste todo mundo me tratava bem: a torcida, os dirigentes, as garotas. Mas espero também conquistar todo mundo aqui no Rio. Se depender de mim, só volto a passeio.

Nos primeiros dias de Botafogo, Marinho se revelou inibido: — Também não era para menos. Tinha jogador que eu só conhecia por figurinha ou foto de jornal. Sabe lá o que é jogar junto com Jairzinho?

Marinho mesmo responde:

— Contra o Santos, ele foi muito legal comigo, dando-me conselhos. Não é qualquer um que faz isso com um pau-de-arara novato.

Tim acha Marinho um bom jogador, que "defende e ataca".

— Tem também personalidade. Todos viram que ele não se assustou com os cobras do Santos.

— Olha, antes do jogo, eu tinha combinado com Jair: falta perto da risca da área, ele batia; mais distante, era pra mim. Chutei forte, a bola passou no meio da barreira e o goleiro nem viu por onde ela entrou.

Os botafoguenses aplaudiram o gol, Marinho foi abraçado pelos companheiros, era a consagração. Depois, Pelé e seus companheiros tiveram que dar duro para conseguir o empate.

— Ataquei sempre porque achei que podia avançar. Havia cobertura perfeita quando eu ia à frente. Eu não avanço por demagogia, mas para ajudar o ataque. Chuto com as duas, mas levo fé mesmo na direita, onde tenho mais força e pontaria. Marcando, prefiro homem a homem, cada um com o seu: quem for melhor leva vantagem.

Marinho diz que "está aprendendo muita coisa" com Tim e seus novos companheiros. Mas recorda com carinho todos os técnicos que lhe ensinaram alguma coisa: Oziel, no Riachuelo; Barbosa e Caiçara, no ABC; Cid, Antoninho e Gradim, no Náutico.

Agora, Marinho já não pode falar com tranqüilidade. Muitos garotos o cercam, pedem autógrafos, cumprimentos. É o seu fã-clube de General Severiano. Marinho já se sente um ídolo.

— Por isso é que pretendo ficar. Pretendo, não. Acho que ninguém me tira mais daqui.

**"Eu me julgo um bom jogador. Não é máscara, não. Mas acho que ainda tenho muita coisa a aprender no futebol"**

MARINHO CHAGAS

MANOEL MOTTA

*Roberto Miranda era o terror dos zagueiros adversários e não só por seus gols – foram 152 em 351 jogos pelo Botafogo –, mas sobretudo porque não fugia da briga com seus marcadores. Mas não foi só por causa de suas confusões que Roberto fez história. Ele foi o herói das finais de 1967 e 1968.*

Roberto, contra o Flamengo, uma de suas vítimas preferidas: gols e sangue pelo Fogão

# Roberto, o valente

**DE VOLTA AO MARACANÃ, SUA NOVA MULHER FICOU TODO O TEMPO DE JOELHOS. ROBERTO COMEÇAVA UMA NOVA VIDA. MAS ERA O MESMO ATACANTE DE SEMPRE, JUSTIFICANDO A SUA FAMA DE VALENTE**

POR MICHEL LAURENCE

Andando pela praia de Carrasco, Uruguai, Roberto não tem nada do jogador atrevido, raçudo, quase folgado. É um homem como os outros, nos seus 28 anos. Com problemas na cuca, de personalidade, de família. Problemas que ele teme, mas gosta de enfrentar.

— Sabe o que acontece? Eu não tolero covardia. Existem muitos beques que batem pra valer. Eu não agüento. Vou para o revide. Bato também e, aí, não penso no que estou fazendo. Vou lá e dou no sujeito. É só às vezes me arrependo.

Roberto refaz a última frase:

— Não. Não me arrependo, não. Afinal, o cara também queria me pegar na maldade. Se eu deixo, estaria aleijado. Não me arrependo. Mesmo quando o cara sai de maca, como o Tinho, do Flamengo. Ele entrou para rachar, me machucou. Quando eu o peguei, ele me xingava adoidado. Dizia "na próxima eu te pego". Eu respondi: "Primeiro, trata de ficar bom, porque hoje não dá mais".

No mesmo jogo, Roberto tirou de campo o outro zagueiro do Flamengo.

— Washington também é de partir para o pau quando sente que não dá para resolver na bola. Num córner, ele pulou para rebater de cabeça e eu cabeceei sua cabeça. Ele jogou mais um pouquinho, mas, como estava muito tonto, teve que ser substituído. O Washington estava pretendendo vingar o Tinho.

Roberto chega quase a surpreender. Não se pode imaginar que ele, tão inocente, seja capaz de entrar para rachar um companheiro de profissão.

— Olha, amigo, eu já apanhei demais. Tenho o corpo cheio de cicatrizes. Você não acha que tinha de aprender a me defender? Não é maldade, é instinto de defesa. Eu sei que eles entram para me tirar de campo. Eles tentam fazê-lo e eu me defendo. Não posso ser um anjinho.

Roberto parece, realmente, provocar barulho. Está sempre envolvido em casos de violência. Todo quebrado, isso comprova sua valentia, que parece desafiar os adversários impiedosos. Apesar disso, ele não foge do pau. Assim como enfrentou na vida particular um caso muito sério.

— Casei aos 18 anos, com a menina que namorei desde criança. E só depois de casado é que fui ver que não era amor o que sentia por ela, mas apenas uma grande amizade. Quando nos separamos, já tínhamos dois filhos. Foi muito duro.

Justamente quando se separava, Roberto foi muito criticado, principalmente porque freqüentava boates, farras.

— Está certo. Agora, eu pergunto: e quem não ficaria meio desorientado numa situação daquelas? Eu estava acostumado à vida de homem casado, de casa para o treino, do clube para casa. De repente me vi solteiro, sem ter obrigação ou vontade de voltar para casa. Comecei a sair, conheci gente que me tratava bem, não queria saber se eles eram boas ou más pessoas, tinha também de tratá-los bem. Começaram a dizer que eu andava em más companhias. Para mim, não.

Ele conta o que acha que tem de contar com um sorriso nos lábios.

— Aí, conheci minha atual mulher. No começo, tivemos que namorar escondido. Tínhamos medo do que seus pais iriam pensar e, também, do falatório. Com a ajuda de alguns amigos, seus pais concordaram em que vivêssemos juntos.

Enquanto fala, Roberto chuta pedrinhas. Sua voz ganha outra tonalidade, está a ponto de chorar, como no dia em que voltou a jogar, depois de romper o tendão de Aquiles. No canto do vestiário, Roberto chorou. Chorou sem que alguém visse. Só para ele. Pela alegria de ter novamente pisado o Maracanã.

— Meu problema são os meninos. Não sei como agir direito. Se os visito muito, tenho medo de que eles se apeguem demais a mim e, mais tarde, venham a sofrer. Ao mesmo tempo, não suporto ficar muito tempo sem vê-los.

Ninguém conseguiria imaginar que um homem tão emotivo seja o mesmo que arma as maiores confusões dentro de campo. Um homem que, quando fala de suas brigas e de como acertou vários adversários, não mostra a menor emoção.

— Olha, minha mulher diz que eu, em campo, pareço um cara descontrolado. Ela fica impressionada com minha forma de ser dentro de campo, porque está acostumada ao Roberto de casa, e eu a entendo. Eu sei por que, algumas vezes, o sangue me sobe à cabeça dentro de campo e não vejo mais nada.

Roberto se acha um protegido da sorte. Mesmo quando sofre as contusões mais sérias, como a última. Atualmente, para jogar, Roberto protege o tornozelo e o tendão de Aquiles com uma camada de espuma de borracha — e põe outra por baixo do calcanhar, para amaciar a pisada.

**"Eu não tolero covardia. Muitos beques batem para valer. Eu não agüento. Vou para o revide. Vou lá e dou no sujeito. E só às vezes me arrependo"**
ROBERTO MIRANDA

Continua a entrar nas divididas com a mesma coragem de sempre, a procurar o gol com obstinação.

— E não poderia ser de outra maneira. Percebi isso quando me recuperava da operação e dei uma topada violenta. Senti uma dor terrível e vi meu pé bambo, como no dia em que arrebentei o tendão e o massagista mandou que eu batesse com o pé no chão. Quando fiz isso, a ponta do pé encostou na canela. Nunca mais esquecerei. Mas dei a topada, senti dor e nada aconteceu. Aí, pensei que, se nada tinha acontecido, não precisaria ficar com medo. E estou aí jogando pra valer.

Roberto já enfrentou muita parada dura. Na Colômbia, ao disputar a bola com um goleiro do Partizan, time iugoslavo, os dois caíram. O goleiro tentou chutar a cara de Roberto, errou. Ele se levantou rápido e deu um bico na cara do adversário. Os dois zagueiros iugoslavos correram para cima dele e Roberto saiu apressado à procura de seu túnel. Errou a direção e foi parar bem no meio dos reservas iugoslavos. Levou um chute nas costas, o tempo fechou e o jogo foi suspenso.

— Mas nada disso foi tão ruim como jogar contra Fontana. Ele era do tipo xerife, pretendia assustar os atacantes falando grosso, ameaçando. Comigo ele quis empregar a mesma tática, mas não deu. Eu forçava contra o Fontana. Ele me acertava fora da área; eu, dentro. Em Belo Horizonte, contra o Cruzeiro, fizemos um gol e eu passei a fazer o diabo com ele: cuspia em sua cara, xingava, debochava. Ele não podia reagir, senão era expulso. Ele dizia: "Vai ter outra. No Rio, te pego".

— No Rio, eles fizeram 1 x 0 e Fontana passou a me provocar. Depois de um ataque nosso, quando a bola já estava no meio do campo, ele veio por trás e me deu um tapa na cara. Uma tapona daquelas e o juiz, claro, não viu. Perdi as estribeiras e parti para cima dele, chutando, dando soco, batendo do jeito que podia. E ele não reagiu. Foi recuando até que o goleiro dele nos separou. Por isso acho que ele não é tão valente quanto gosta de parecer.

Os dois foram presos depois do jogo.

Roberto vai chegando ao fim da praia. Pára, sorri, e faz questão de esclarecer a opinião que tem de si mesmo:

— Eu contei quase toda a minha vida. Você vê, eu sou um cara normal. Não me considero valente. Apenas enfrento os fatos, só isso. Enfrento e tento vencê-los. Mas, admito: sou um temperamental.

*Tricampeão do mundo [illegible] de suas [illegible]. No Botafogo passou por um dos [illegible] por agressão ao árbitro [illegible] num clássico contra o Vasco*

**MARINHO E BALDOCCHI QUE COLOQUEM AS BARBAS DE MOLHO: UM DELES SOBRARÁ DA SELEÇÃO PARA A ENTRADA DE UM CAMPEÃO DO MUNDO. PELO MENOS É O QUE TODOS ESPERAM, INCLUSIVE O JOGADOR**

POR TEIXEIRA HEIZER

# Brito, ainda em forma

Contra o Corinthians, bem ao seu estilo: rachando com o atacante para valer

O rosto está ficando enrugado. Algumas decepções que Brito amargou ao longo de sua atribulada carreira parece que lhe marcaram a face.

Mas o porte atlético continua o mesmo. Suas condições físicas ainda fazem inveja a muito jovem de 22, 23 anos. O tom de sua voz é que está cada vez mais baixo e rouco.

— Sabe? Há quatro meses não recebo um tostão do Botafogo. Já perdi uns Cr$ 80 000 com minha suspensão. Se não tivesse algumas reservas, teria enfrentado dificuldades.

Essa tristeza, entretanto, é superada por um fato importante: sua provável convocação para a Seleção.

— Minha punição termina dia 14. A convocação será no dia seguinte.

Brito se equivoca quanto às datas: a convocação sairá mesmo no dia 15, mas sua punição irá até o dia seguinte, segundo a secretaria do STJD. Será que tal fato deixará Brito fora da Seleção? Não parece a se acreditar em declarações anteriores de Zagalo.

— Brito é um tricampeão do mundo. Um jogador que está em nossas cogitações.

A Copa do México, a conquista do título criaram para Brito a imagem de um grande atleta. E, ao mesmo tempo, o jogaram numa roda-viva de problemas. Logo após seu regresso, Iustrich o considerou indisciplinado, os dirigentes rubro-negros deram mão forte ao técnico.

— Você sabe lá o que é voltar campeão do mundo e ler nos jornais que vai ter de disputar uma posição com o Washington? Nada tenho contra o garoto, mas se tratava de um desrespeito aos meus anos de futebol.

Brito foi parar no Cruzeiro, time de cobras, onde todos falavam a mesma língua. Deu-se bem.

Depois foi a volta ao Rio, a ida para o Botafogo. Brito voltou a mostrar todo o seu futebol, provou que não era um indisciplinado.

— Aquele jogo contra o Vasco foi um desastre. Não adianta eu afirmar que não agredi o juiz. Foi um tumulto. Lamento o que ocorreu, mas meu sangue ferveu. Minha condição de homem estava em jogo.

Tudo aconteceu depois que José Aldo marcou um pênalti contra o Botafogo. Na delegacia, José Aldo deixou o caso de lado. Mas na súmula, acusou Brito de agredi-lo com um soco. Moral da história, uma suspensão de um ano.

— Fiquei louco quando soube o resultado. Um ano de suspensão era dose para cavalo. Aguentei calado, mas acho que os homens foram muito severos. Afinal, estavam impedindo que eu ganhasse a vida. E minha família?

O Botafogo recorreu. No STJD, a agressão que todo Maracanã viu acabou transformada em tentativa e a pena de Brito foi reduzida para seis meses. O que parecia um bom negócio acabou complicando ainda mais a vida de Brito:

— Tudo indicava que o Botafogo iria me pagar durante os seis meses de suspensão. Aí aconteceu a desgraça. O Botafogo resolveu me levar numa excursão à

Europa. Pensei que era para entrar em alguns jogos, pois eram amistosos. Na véspera do embarque, eu soube que viajaria apenas para ser exibido. Não concordei

Brito acha que não cometeu qualquer indisciplina.

— Não sou animal de raça para ser exibido por aí. Sou pago para jogar. Os homens se queimaram e suspenderam meu contrato. Argumentei, mas minhas explicações de nada valeram

Durante o tempo que andou ausente das vistas da torcida, a vida de Brito pouco mudou. Ele continuou a freqüentar os ensaios da Mangueira, a tomar suas cervejas sempre que podia

— Se tinha treino no dia seguinte, o programa era um só: dormir cedo.

A vida de Brito não mudou mesmo. Continua a acordar cedo. Trata de seus cachorros — "que são meus maiores amigos" — e parte para o trabalho

— Faço o teste de Cooper, por minha conta, de quatro em quatro dias. Corro diariamente 8 quilômetros. Estou quase na mesma forma que tinha na Copa do Mundo.

A prova das palavras de Brito: seu peso continua nos 79 quilos, de musculos bem dosados.

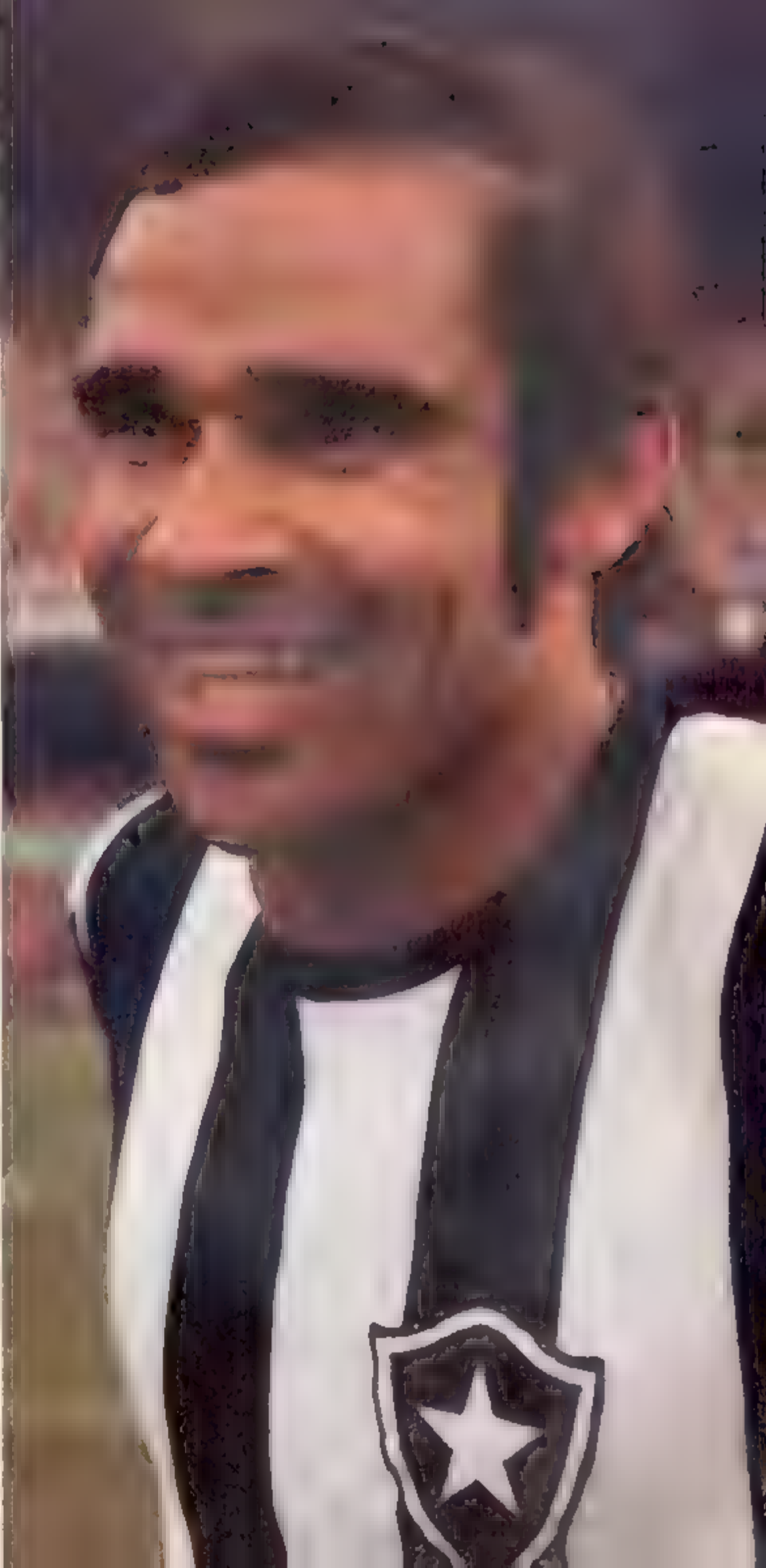
— Nos dias de coletivo venho treinar aqui em General Severiano. Acho que estou em forma, inclusive porque tenho jogado minhas peladas, sempre com sucesso.

**"Aquele jogo foi um desastre. Não adianta eu afirmar que não agredi o juiz. Lamento o que ocorreu, mas meu sangue ferveu. Minha condição de homem estava em jogo"**

BRITO

Brito confessa que já teve vontade de telefonar para Zagalo e lhe perguntar se será mesmo convocado. Mas desistiu. Julgou que seria uma forma de pressão e ele não quer exercê-la

— Olha, a Seleção significa muito para mim, mais que tudo.

Eu poderia provar que continuo o mesmo da Copa. Quanto ao meu parceiro, tanto faz. Acertei com Piazza, que era apoiador, e o mesmo acontecerá com Vantuir ou Luís Carlos.

*Adjetivos não faltavam para denominar Fischer. Nervoso por natureza, o atacante brigava até nos treinos. Mas, aos poucos, provou que seu temperamento explosivo era a tradução de sua grande vontade de vencer. Com seus gols brabos, conquistou a torcida do Botafogo, onde jogou de 1972 a 1976*

# El Lobo é manso

**APÓS QUASE TRÊS ANOS NO BOTATOGO, FISCHER COMEÇA A SER COMPREENDIDO PELOS COLEGAS. A TORCIDA GRITA SEU NOME E A CAMISA TITULAR PARECE QUE LHE CAIU BEM**

POR RAUL QUADROS E OTTO JUNKERMANN

Termina mais um treino coletivo do Botafogo. Os jogadores se encaminham para o vestiário — menos um. Fisionomia fechada, transtornada, Fischer vai em direção ao estacionamento interno do clube e começa a chutar pneus e pára-lamas. Resmunga e diz palavrões. Mal verifica se os carros atingidos pertencem a diretores ou colegas de equipe. Custa a se acalmar. Nega-se terminantemente a confessar os motivos de tal atitude, mas quem o conhece bem, sabe perfeitamente que o argentino estava simplesmente reagindo ao péssimo treino. Recebera poucas bolas e, o que era pior, não marcara um mísero gol.

— Fischer é um dos melhores profissionais que conheci em minha vida de jogador e técnico. O importante é saber aceitar a sua maneira de ser, como ele é e não como a gente gostaria que fosse. Ele reclama até mesmo durante os treinos e piora durante os jogos. No entanto, faz isso porque não gosta de perder. Ele leva tudo a sério. (Zagalo)

Fischer não tinha um ano ainda no Botafogo — chegou no segundo semestre de 1972, após a Copa Independência — e já agia daquela forma. Afinal, que tipo de louco é ele? Ou será que está sendo boicotado pelos demais integrantes do time, que o vêem como um intruso num ataque que já tem Jairzinho e Roberto para disputar a honra de artilheiro? Estas eram algumas das perguntas que a imprensa fazia, a torcida fazia, todos faziam.

— No início, eu ficava furioso com o gringo. Ele só vivia xingando. Mais tarde é que vi que ele era legal e que só reclamava porque queria ganhar. O Fischer é mesmo meio doidão, mas se a loucura dele é para o time vencer, então nem me importo. Pode xingar à vontade. (Marinho)

Hoje, compreendido pelos companheiros, idolatrado pela torcida, que vive gritando seu nome nos estádios, todos começam a explicar El Lobo Fischer.

## Lobo solitário

— Acho que, na infância, ele deve ter tido algum problema, uma vida um pouco diferente, pois o Fischer é realmente um homem calado, fechado com a maioria das pessoas. Só mesmo quando confia em alguém é que se mostra completamente aberto. Só lamento que nem todos possam conhecer o verdadeiro Fischer. É um papo muito bom. Fala de tudo e é, inclusive, um bom conselheiro. As pessoas, em vez de procurá-lo, preferiram ficar à distância. Eu fiz o contrário e por isso acabei me tornando seu grande amigo. Já estive até na Argentina com ele visitando seus parentes. (Ademir)

Muitos acusam Zagalo de não gostar do seu futebol, de tê-lo deixado fora do time porque preferia Puruca. O técnico tenta explicar:

— Quando cheguei ao Botafogo, ele não estava bem e andava perdendo muitos lances de gol. Por isso, deixei-o na reserva. Considero o Fischer um dos melhores atacantes do futebol carioca. Não brinca em nenhum momento. Na última partida contra o São Cristóvão, estávamos vencendo de cinco e a nossa defesa bobeou, deixando o adversário marcar um gol. No mesmo instante, ele saiu lá da frente e veio até a defesa gritar e reclamar das brincadeiras.

E é o próprio Fischer que sai em defesa do técnico:

— Hoje, seguramente, o Botafogo está melhor do que nos dois outros anos que joguei pelo clube. Acho mesmo que estou numa fase técnica e física espetacular. No início deste ano, realizei uma ótima excursão à África e Europa. Em quatro jogos, marquei quatro gols, mas voltei contundido. Por isto, fiquei de fora nos cinco primeiros jogos do campeonato. No sexto, já me encontrava no banco. Sou um dos artilheiros do Carioca, com oito gols.

E o Fischer? Não o atacante perigoso, mas o homem que tão poucos entendiam. Como é este argentino, filho de pai gaúcho e mãe alemã, que por isso fala português, alemão e, é claro, o idioma da terra onde nasceu, cresceu e aprendeu a fazer gols? Como é El Lobo, fora de campo?

Parece mais um cordeiro. Está no hall do edifício onde mora, na rua Barão da Torre, em Ipanema, curtindo a beleza da filha Érica Venessa, de 2 anos, e as travessuras do irrequieto Frederico Alexandre, de 3. A cena familiar de repente se transforma. Fischer dá um grito desesperado. Num descuido, Alexandre correu até o meio-fio da rua, como se fosse atravessá-la. Foi só o susto. Fischer ficou nervoso, mas foi incapaz de levantar a mão para a criança. Apenas repreendeu-o, em castelhano — mas em seguida riu da resposta do irrequieto Frederico, que o imitava marotamente.

— Essa é a minha vida. Do clube para o estádio, do estádio pra casa. Sou um homem caseiro, de poucos amigos e muitos companheiros. Não se pode ser amigo de todo mundo, certo?

São quase meio-dia, hora do almoço das crianças. Ana Maria, mulher do jogador, está esperando.

— Vamos subir. As crianças tem que almoçar. Lá em cima, a gente conversa melhor.

Ele é um rapaz amável, inteiramente diferente do Fischer jogador, que xinga os companheiros.

— Sabe o que acontece comigo? Não gosto de perder nem em treinos. Brigo e xingo mesmo meus companheiros. Mas afinal, o que há de errado em xingar? Faço isso porque quero ganhar — e sei que eles também. Uns nao falam nada, outros me entendem mal, mas sempre, depois de treinos e jogos, procuro explicar, colocar as coisas nos seus devidos lugares. Sou um profissional, um profissional de vida curta, e que por isso mesmo tem que aproveitar bem todos os momentos do futebol.

Para Fischer, há duas posições no ataque que não fazem diferença. Tanto gosta de jogar como ponta-de-lança como de centroavante.

— Joguei nove anos no San Lorenzo de Almagro e estou há quase três no Botafogo. Meu contrato termina em agosto deste ano e, se houver entendimento, vou renová-lo por mais tempo. Sou profissional e vejo sempre meus interesses. Não tenho preferências clubísticas, mas, atualmente, sou Botafogo e por esse clube corro, reclamo e até me mato em campo. Não gosto que me segurem pela camisa. Acho isso infame.

Como ponta-de-lança, ele foi convocado para a Seleção da Argentina. Quando?

— Em 68. Eu me lembro bem, pois foi quando conheci Fischer. O comentário é de Ana Maria, uma mulher simpática. Olhos claros, cabelos compridos. Casada há quatro anos, tem pelo marido um carinho muito especial.

## Até na China

— É isso mesmo, foi em 68 que cheguei à Seleção. E, sempre que havia uma convocação, meu nome fazia parte dela. Joguei em 71 contra o Brasil, no estádio do River Plate. Atuei como gosto: pelo centro, mas caindo pela esquerda. Enfiado entre os beques, a gente está arriscado a não jogar e a apanhar.

Na Seleção, jogou com Andrada (Vasco), também em 1968. Foi companheiro de Doval (Fla) no San Lorenzo.

— Com Doval, joguei desde os juvenis. Regulamos a mesma idade. Eu estou com 30 anos, e penso jogar por mais uns cinco, aqui no Brasil ou na China. Estou seguro de que tenho condições técnicas para isso.

Juan Carlo, um argentino que vive no Rio, amigo íntimo de Fischer e dos outros argentinos que jogam em clubes cariocas, confidencia: "O desejo dele é defender um time europeu". Juan Carlo, é, antes de tudo, um admirador de Fischer.

— Sabe o que é? O Fischer só jogou em dois clubes: o San Lorenzo e o Botafogo. Sempre que foi à Europa, atuou bem e foi elogiado. É natural que queira variar e, lá na Europa, sabe que tem mercado. Além disso, é um profissional que se cuida muito, preocupado apenas em cumprir suas obrigações. Não se excede em nada. Para ele não há problemas de ambientação, não há clima que o prejudique, come qualquer comida.

E o próprio Fischer conclui:

— Não sou maluco, como andaram dizendo por aí. Sou consciencioso e um sentimental. Se dá para eu continuar trabalhando num lugar, fico de bom grado. Se não dá, peço para ir embora. Uma vez cheguei a solicitar que o Botafogo me liberasse. Não me lembro bem a época exata, mas havia muita fofoca, intrigas. Eu me aborreço com mentiras, elas me arrasam. Agora está tudo bem. Mas continuo tendo poucos amigos e muitos companheiros.

*Marinho devolveu à torcida botafoguense a alegria de ver um craque [illegible] na lateral-esquerda depois do grande Nílton Santos. Filho único, tratado com carinho pela família e acid[illegible] companheiros, técnicos e [illegible], desfilou seu talento com a camisa do Botafogo de 1972 a 1977*

Marinho: garoto mimado com futebol de gente grande

# Minha vida é uma festa

**SEMPRE ALEGRE E BRINCALHÃO, ELE SÓ PERDE O SORRISO QUANDO COMEÇA A SE LAMENTAR PELAS CRÍTICAS QUE RECEBE — ENTÃO DIZ QUE SEU NEGÓCIO É SER ARTILHEIRO, NÃO BEQUE**

Pegue o temperamento de Garrincha, acrescente o futebol de Nilton Santos e dedique o mesmo tratamento de um filho único de pais ricos e talvez, então, se possa definir bem quem é Francisco das Chagas Marinho, aos 23 anos de idade, o melhor lateral-esquerdo do país, com futebol de gênio e alma de criança mimada.

— Ainda me lembro do nascimento dele como se fosse hoje — conta dona Maria de Deus, sua mãe. — Era um sábado de carnaval, 8 de fevereiro de 1952, e é por isso que ele é um homem alegre até hoje. Acho que tudo isso é em razão de ter nascido num dia de muita festa.

O certo é que Marinho, em casa, é tratado como uma criança, recebendo muito carinho da mulher, Marijara, e mais ainda da mãe. São duas horas da tarde na rua Valparaíso, na Tijuca, e o jogador se prepara para se despedir de Marijara e se apresentar no Botafogo. Tem jogo à noite. Começa, então, uma longa e carinhosa discussão entre ele e sua mãe: ela quer lhe aplicar uma injeção de vitamina, "para lhe dar mais força", o lateral não quer, acha que pode ser sorteado para o exame antidoping e surgir mal entendido no resultado. No fim, abraços, beijos e dona Maria de Deus começa a rezar baixinho as orações que irá completar na igreja.

— O Francisco precisa ser muito protegido, pois está sempre sendo muito observado por todos, não pode errar. Hoje de manhã já estive na igreja do Calvário rezando e voltarei lá assim que o perder de vista. Pode até estar chovendo, eu vou sempre, de qualquer jeito. Para mim, ele continua sendo uma criança. É um menino totalmente puro. Sou mãe de nove filhos vivos — morreram cinco pequeninos — e sou apaixonada por todos eles.

### "Eu sou um menino"

— Confesso que me sinto mesmo um menino ainda. Não ponho maldade em nada. Acho que todo mundo é bom. Se pudesse, teria a meu lado todos os meus parentes e amigos. Se fosse possível, ajudava a todo mundo, dava proteção para esses meninos que cercam o carro da gente, quando paramos no sinal. Não guardo rancor de ninguém. Na Copa, o Leão deu um tapa na minha cabeça, tentando me

agredir depois da derrota para a Polônia. Ele não se conformava de ter levado o gol do Lato. Na hora, eu quis até brigar com ele, mas o doutor Passo me segurou e disse que o importante era manter a disciplina na delegação. E eu me calei. Acho que o Leão é um bom goleiro, mas é muito nervoso para jogar numa seleção. Ele se perde, fica intranquilo e acaba perturbando a defesa e o resto do time. Se dependesse só de qualidades técnicas, ele seria ótimo, mas goleiro preocupado não pode agarrar em lugar nenhum.

O temperamento de Marinho exige muito calor humano, orientação, um certo carinho com o qual está acostumado desde que nasceu. Por isso mesmo a experiência da Copa da Alemanha foi muito boa para ele, serviu para amadurecê-lo.

— Na Alemanha, sofri uma decepção muito grande. Eu havia assistido à Copa do México pela TV, em Natal, e a cada jogo fazia uma tremenda algazarra com meus amigos. Eu achava que numa Seleção Brasileira todos fossem como irmãos, que se gostassem e uns procurassem facilitar o sucesso dos outros. Pensava isso enquanto via aquelas lágrimas entre abraços, pela televisão, em 70. Infelizmente, na Seleção de 74 não havia irmãos e, sim, jogadores querendo todas as glórias para si mesmos. Não havia solidariedade.

— Jamais o Jairzinho e o Paulo Cesar — com quem eu tinha maior intimidade — procuraram me facilitar. Havia outros agindo da mesma maneira. Apesar disso, havia bons amigos como o Luís Pereira, Marinho, Wendell, Renato e alguns outros que me orientavam sempre que podiam. Mas muita gente foi à Alemanha querendo viver do cartaz que já tinha.

O jeitão alegre e brincalhão, o sorriso quase permanente e a maneira irresponsável de encarar as coisas se modificam quando Marinho começa a falar de uma partida. Aí, ele é inteligente e objetivo.

— O pior na Copa é que só pude jogar melhor quando passei a jogar adiantado. Nos primeiros jogos desempenhei mais o papel de marcador. Contra a Escócia e a Iugoslávia, nem deu para se fazer nada. E jogador de futebol que fica apenas marcando nunca vai aparecer no jogo. Jogador de defesa só ganha nome se atacar. Por isso o Luís Pereira é um dos melhores do mundo, assim como o Carlos Alberto foi durante muitos anos, no Santos e na Seleção. O que me preocupa é que vivem me criticando porque me adianto.

**"Na Seleção de 74 não havia irmãos e, sim, jogadores querendo todas as glórias para si mesmos. Não havia solidariedade"**
MARINHO CHAGAS

Marinho conta seu sucesso no Norte com vibração. Para ele, o mais importante é o carinho que recebe. Ele está sempre procurando agradar, por isso não se conforma quando é criticado. Lembra-se imediatamente de sua vida no Rio Grande do Norte e em Pernambuco, quando era constantemente exaltado, e se revolta.

— Não faço mal a ninguém, não entendo por que estão sempre procurando me culpar de alguma coisa, principalmente das derrotas do Botafogo. O que me deixa triste é pensar que desde meus tempos de menino de rua eu já torcia pelo Botafogo. Treinava diariamente para ter boa forma física e nunca bebi ou fumei.

Quando no Náutico, Marinho sonhava também em jogar no Olaria. Soube que o clube carioca estava interessado em seu passe e não pensava em outra coisa. Vestir aquela camisa azul e branca, jogar no Maracanã — para ele já era demais, uma realização. Mas depois de uma partida pela Taça Eraldo Gueiros, em 1972, quando o Náutico venceu o Santa Cruz por 3 x 1, ele quase caiu de costas: havia um olheiro do Botafogo para comprá-lo.

— Já haviam me avisado que o Botafogo me queria, eu pensei que era gozação. Nem liguei muito, eles gostavam de ver os jogadores nervosos antes de certas partidas e lhes davam notícias assim. Quando vi que era verdade, fiquei maluco. Apanhei meu carro e saí direto do estádio, em Recife, para Natal. Fiquei lá um dia e, no outro, vim para o Rio. Depois, viajei para a Espanha e estreei contra o Benfica. Perdi de 3 x 0. Depois ganhamos de 4 x 2 do Bayern München, com Beckenbauer e tudo. Eu tinha barrado o Valtencir e nunca mais saí do time. Mas não me conformo com as críticas que fazem ao meu modo de jogar. Será que só eu não posso me adiantar? Sou um dos artilheiros do Botafogo e, se é para ficar atrás, o melhor é colocarem outro em meu lugar. Se eu pudesse escolher, queria ser um homem livre no meio-de-campo. Um jogador para armar e atacar, porque esse negócio de avançar com a preocupação de voltar acaba me deixando perturbado.

Imagem de um menino cujo brinquedo foi estragado. Segue-se um imenso rosário de queixas, uma espécie de resmungo.

— Lá em Natal e Recife eles gostavam mais de mim. Aqui, todos vivem me criticando. Desde menino que sou goleador em todos os times em que jogo. Eu não grito com ninguém, trato todos com educação, por que não é assim comigo?

## Maverick amarelo

O Maverick amarelo de Marinho já é muito conhecido. Por onde passa, cumprimenta as pessoas que vê. Às vezes, pára o carro para atender a algum torcedor. Ele adora dirigir, aonde tem que ir vai de carro — já foi várias vezes a Natal.

Espalhadas pelo assoalho do carro, no porta-luvas ou no console, uma porção de fitas gravadas. E também muitas cartas de fãs. Recebe uma média de 50 por dia e responde a todas, mandando uma foto autografada e um cartão em português.

Outra preocupação de Marinho é com suas roupas. São todas feitas por um alfaiate paulista: modernas, cores berrantes. Mas sua maneira de combinar as cores é um desastre. Para ele, tanto faz amarelo com vermelho ou azul com verde. Quando apareceu pela primeira vez no Botafogo, por exemplo, vestia uma camisa com uma gigantesca borboleta desenhada no peito.

O menino alegre e queixoso, entretanto, vai aos poucos dando lugar a um homem mais sofrido, com problemas de verdade. No fim do ano passado, o primeiro filho morreu ao nascer. Na quinta passada, ele caiu gritando de dor no estádio do Botafogo, durante o treino, com uma séria distensão que pode afastá-lo algum tempo do time.

# E que bolão redondo

POR LUIZ AUGUSTO CHABASSUS

**NOS PRIMEIROS JOGOS, AINDA GORDO E FORA DE FORMA, ELE MEXEU-SE BEM EM CAMPO. MOSTROU QUE NÃO PERDEU NEM O FARO DE ARTILHEIRO NEM A INTIMIDADE COM A BOLA**

Partindo para cima da zaga: os quilos a mais atrapalharam uma carreira que poderia ser ainda mais brilhante

"Recuperado, ele é sem dúvida um dos melhores centroavantes do Brasil." Vezes sem conta se ouviu esta frase dos técnicos do Inter, fosse Rubens Minelli, Dino Sani ou Daltro Meneses. Mas todos, cada um por sua vez, chegaram à mesma conclusão: gordo desse jeito, oito quilos acima do peso normal, não pode jamais ter vez no time.

No Inter, talvez não. No Botafogo, a história pode ser outra. Chegou com 82 quilos, perdeu três logo no primeiro tratamento de choque de Admildo Chirol, estreou assim mesmo, dia 7, contra o Corinthians. A torcida no Morumbi riu quando Claudiomiro entrou em campo baixinho, barrigudo, a camisa justíssima.

Na mesma hora, no Rio, jogavam Vasco e Flamengo. Quando Roberto fez o primeiro gol para o Corinthians — o mesmo Roberto que o Botafogo não quis mais — os eternos descontentes gozaram: "Mas agora eles têm o Claudiomiro; o homem é um bolão". Pois, gordo ou não, foi ele quem empatou a partida e garantiu um pontinho para o Botafogo, fora de casa. Insuficiente para que se sinta confiante nesta nova chance de mostrar a categoria que nunca ninguém lhe negou.

— Vê se faz uma reportagem legal, bicho — recomenda Claudiomiro.

Hospedado no Hotel Argentina enquanto não aluga apartamento para se mudar com a mulher, anda preocupado. Se fez seu gol contra o Corinthians, não acertou contra o Guarani, em Campinas. Zagalo, porém, lhe dá mão forte:

— Caramba, o cara esteve parado três meses! Na estréia, muito motivado, ele foi bem, correu muito. Sentiu o esforço, é claro, e com os músculos doendo rendeu menos contra o Guarani. Mas quando o Chirol deixá-lo em forma vocês vão ver.

## Vale quanto pesa

E assim Claudiomiro Estrais Ferreira, com apenas 25 anos, começa uma nova vida no Rio — deixando em Porto Alegre o terrível apelido de Sabonete. Isto é: Vale Quanto Pesa. Verdade que nem tudo é drama em sua história pregressa. Foi ídolo da torcida colorada e estava na Seleção Brasileira que disputou a Taça Roca de 1971.

— Eu estava tinindo, bicho. Em dois anos, 70 e 71, marquei 70 gols. Em 72 fiz só 23, mas ainda dava pro gasto.

Começou a não dar em 1973, quando marcou apenas 14 gols. Foi deixando de ser titular; o Inter começou a procurar centroavante, em casa ou fora.

Minelli pedia Lezinha, Palhinha ou Roberto — o do Vasco —, mas faltava dinheiro para comprá-los. Nessa, Claudiomiro teve mil novas chances. Porém, era contusão em cima de contusão, quilo em cima de quilo. Aí chegou Flávio, comprado a preço de banana e marcando gols. E, então, adeus, Claudiomiro.

Veio para o Botafogo emprestado até dezembro. Na chegada, encontrou quase todo mundo desconfiado. Rapidamente — menos de 20 dias — virou esperança da torcida. Com sorte e dois gols. Sorte porque, com o time a perigo, ameaçado de cair na chave dos perdedores no Campeonato Brasileiro, Zagalo apressou seu lançamento — embora tenha de perder pelo menos mais três quilos.

— Não tenho dúvidas de que ele chega lá — garante Chirol.

— Por enquanto ele está treinando à parte comigo — explica Luís Alberto, preparador físico auxiliar. — Mas logo, logo estará treinando com o resto da turma, normalmente, porque está demonstrando a maior boa vontade.

Também, como não ter boa vontade? Recebia 14 000 no Inter e diz que está ganhando mais no Botafogo — sem contar que voltou a receber bichos, dos quais estava afastado no Rio Grande do Sul.

— Minha vida agora é diferente. Encontrei um ambiente muito legal no Botafogo.

Os elogios do técnico e dos companheiros confirmam isso:

— Ele é um jogador de grandes recursos e chuta com os dois pés. Desta forma poderá ficar lá na frente trocando de posição com Fischer e Nílson. (Zagalo)

— É craque. Ele dá as bolas pra gente na boca do gol. (Nílson)

— Bueno, muy bueno. (Fischer)

— Ele canta as jogadas para a gente; na segunda partida já parecia que jogava junto com o resto do time há anos. (Ademir)

Tão bem incentivado, Claudiomiro faz questão de dizer que vai se tornar um carioca — o sotaque gaúcho é difícil perder, mas as gírias do Rio ele já está usando à vontade. Calça Lee desbotada, camisas folgadas, meio sobre o calção, faz um pedido que demonstra a vontade de ficar mesmo no Rio.

— Vamos esquecer um pouco esse negócio de peso, gordura. Tenho de fazer bonito para, no fim do ano, o Botafogo comprar meu passe. Quem sabe eu posso voltar à Seleção. Não é lugar comum, não: o Maracanã continua sendo a maior vitrine do futebol brasileiro.

## Agora é Buitoni

Fazer bonito depende de Claudiomiro mesmo; esquecer o problema do peso é meio difícil. Até os novos amigos entram no assunto com um novo apelido para o jogador gaúcho: Buitoni.

— Que é que eu vou fazer? É minha sina. Mas, olha, o Coutinho sempre jogava com uns quilinhos a mais e nem por isso deixou de ajudar o Santos a ser grande. E dizia que gostava de comer e só se sentia bem jogando daquele jeito. Magrinho não dava.

Pois Claudiomiro Estrais Ferreira, 1,70 de altura, diz que é mais ou menos como

**"Vamos esquecer esse negócio de peso. Tenho de fazer bonito para o Bota comprar o meu passe"**

CLAUDIOMIRO

Coutinho. Devia pesar — estourando — 76 quilos mas garante que se sente bem com uns dois ou três a mais.

— Nossa única diferença é que ele dava os passes para o Pelé marcar e eu, Claudiomiro, marco meus próprios gols.

Marca mesmo — quando não está muito gordo e/ou contundido no joelho. Uma ziquizira que vem desde 1972 e que provocou até a saída do Inter do médico Paulo de Tarso favorável a uma operação cirúrgica que nunca se realizou. É dessa sombra que Claudiomiro precisa escapar para ficar no Botafogo.

# A vítima exemplar

**JOGOU TODAS AS 52 PARTIDAS DA SÉRIE. POR ISSO, DIZ QUE A INVENCIBILIDADE FOI UMA LUTA PREJUDICIAL E INGLÓRIA**

POR RAUL QUADROS

O jogo era cadenciado, pois o empate interessava aos dois times. De repente, Romeu, do Corinthians, é lançado e penetra velozmente na área. O goleiro Zé Carlos, do Botafogo, dá um passo adiante, no exato instante do cruzamento, para o miolo da área. Rui Rei recebe livre e fuzila. A bola passa por Zé Carlos e a torcida corintiana se levanta para comemorar. Só que, como um gato, Zé Carlos dá um felino salto para trás e segura a bola. Aplausos delirantes.

Semanas depois, no mesmo Maracanã, jogo corrido: o Grêmio vence por 1 x 0 e o Botafogo demonstra apatia. De repente, Renato Sá apanha uma bola na lateral da área. O goleiro Zé Carlos dá um passo adiante, esperando o cruzamento. Só que a bola entra direto no gol, às suas costas. Era a melancólica despedida de uma invencibilidade que durou 52 partidas.

— Nunca levei três gols num jogo, em toda a minha carreira — diz o goleiro. — Nem nos juvenis.

## A autocrítica

Terça-feira ensolarada em Marechal Hermes. Zagalo e os preparadores físicos comandam um treino recreativo, aliás o último antes da folga geral de uma semana, pois o time está eliminado das finais. E, antes das 11, Zé Carlos está a caminho de Jacarepaguá, aproveitando uma carona no carro de Gil. É lá que ele mora, numa casa que comprou recentemente, por 900 mil cruzeiros. No caminho, relembra os dois lances — de Romeu e Renato Sá — e analisa:

— Você vê. As jogadas foram muito parecidas. Contra o Corinthians, saí certo e evitei o gol. Contra o Grêmio, a mesma coisa. Só que o rapaz bateu forte. Com sorte, claro. A bola passou entre mim e a trave. Quer saber de uma coisa? Eu falhei no gol — e não estou aqui para arranjar desculpas.

Uma sincera autocrítica. Que se prolonga quando ele fala a respeito da invencibilidade do time, que passou a prejudicar a campanha visando a conquista do título do Brasileiro:

— A partir, mais ou menos, dos 35 minutos de jogo, o time jogava mais preocupado em manter uma invencibilidade improdutiva. Vários jogadores ficavam preocupados com isso. Achavam que o empate era bom, mas não era. Havia jogadores, também, que achavam que de empate em empate acabaríamos desclassificados. Bom, o Zagalo chamava nossa atenção. Argumentava, com razão, que se tínhamos condição de virar jogos, por que não conseguíamos fazer o gol antes do adversário? Mas era a tal história de segurar o empate, em primeiro lugar. Os adversários ganhavam as jogadas no meio-campo e vinham com tudo. Na frente, só tínhamos o Dé, isolado. Deu no que deu. O clube foi prejudicado, nós também.

> **"Gosto muito de seriedade. O Mário Sérgio me apelidou de doberman. Sou disciplinado, mas não gosto de provocações"**
> ZÉ CARLOS

Mas houve um momento em que Zagalo apelou. Cansado de ver o time empatar, sacou Manfrini e escalou João Paulo, centroavante agressivamente ofensivo. Mas já era tarde. Com apenas duas vitórias na fase final, o Botafogo se despedia do título. Zé Carlos lamenta.

— Eu não podia fazer nada, lá em campo. O máximo era gritar para que procurassem o gol, que não tocassem a bola demasiadamente. E torcer. Nosso time é muito bom, mas a invencibilidade nos prejudicou bastante.

Zé Carlos foi o único jogador integralmente invicto. Isto é, participou de todas as 52 partidas, sem ser substituído em nenhuma delas. Mais: desde que vestiu a camisa titular, em outubro de 1976, jamais esteve ausente do time. Assim, pode falar com conhecimento de causa sobre o clube, que defende desde 1972, época em que tinha 17 anos. Conta

— Até os 20 anos, fui titular absoluto dos juvenis. Em 75, fui promovido ao profissional. Fiquei na reserva de Ubirajara e de Wendell, e nesse mesmo ano joguei minha primeira partida nos profissionais. Aí, fiquei um ano por conta da CBD, integrando a seleção amadora que foi a Cannes. Em outubro de 76, me reintegrei ao Botafogo. O Wendell tinha problemas de contrato, não estava jogando. Eu aproveitei a vaga.

## O exemplo

Com 1,80 m, 79 kg, boa envergadura, Zé Carlos se orgulha de estar mantendo uma outra invencibilidade: jamais levou um único cartão amarelo. Mas garante que é um jogador, nos treinamentos, capaz de brigar para ganhar uma pelada. Curioso é que, em campo, seu comportamento muda. Ele explica:

— Para mim, treinando ou jogando, gosto de muita seriedade. O Mário Sérgio me apelidou de doberman. No início eu não gostava, mas hoje já nem ligo mais. Sou um jogador disciplinado, mas não gosto de provocações. Contra o Noroeste, recentemente, dividi uma bola com um adversário de quem nem sei o nome. O cara me deu um tranco, depois de perder uma jogada. Nem vacilei: corri em cima dele e lhe dei uma cotovelada que seria expulsão certa. Por sorte, o juiz não me deu nem o amarelo.

Jogador exemplar — ao menos enquanto os juízes não fixam suas atenções no seu comportamento —, Zé Carlos adquiriu um prestígio raro para sua idade de 23 anos. Assim, não teve nenhuma dificuldade em conseguir, do presidente Charles Borer, um novo contrato, para comprar uma casa em Jacarepaguá. Nem assim, ele se anima:

— O que lamento, profundamente, é que nosso time esteja fora das finais. Se fizermos as contas, veremos o quanto perdemos de dinheiro. Tudo por causa de uma boba invencibilidade.

**Paulo Sérgio** 1981

*Mesmo sem ter uma boa estatura para a posição (1,78m), Paulo Sérgio ajudou o Botafogo a alcançar as semifinais do Brasileiro de 1981 com suas excelentes atuações. Ele chegou ao alvinegro em 1980 e permaneceu até 1985, marcando sua imagem na mente dos torcedores com defesas arrojadas*

# É do goleiro que elas gostam mais

POR MARIA HELENA ARAÚJO

**DA LOCOMOTIVA DANUSA LEÃO: "O MAIS LINDO NELE É SEU SORRISO DE VERÃO CARIOCA: LIVRE, CONTAGIANTE, SENSUAL. UM HOMEM DE ASTRAL MARAVILHOSO"**

Rico ele não é, embora tenha-se valorizado bastante com a recente convocação para a Seleção, o que abre boas perspectivas para sua carreira. Mas, sem duvida, é bonito e inteligente. Um tipo interessante: 25 anos, 70 kg bem distribuidos por seu 1,78 m de altura e um par de olhos azuis sempre a devorar paginas e paginas de livros de economia, politica e romances policiais. Em uma palavra, ele é o que as mocinhas casadoiras chamam de "um bom partido".

Mas, como todo peixe grande e raro, Paulo Sérgio não se deixa fisgar facilmente. Aos 18 anos, esteve a pique de se casar — desistiu na última hora, achando que seria melhor para sua carreira.

– Ela não iria agüentar a barra que eu estava disposto a enfrentar: correr pelo interior atras de oportunidade, dormir em hotéis de terceira classe, jogar em campinhos de várzea, com a torcida ameaçando pular no teu cangote.

Hoje, Paulo Sérgio e sua ex-noiva são bons amigos — e ele continua fugindo de compromissos amorosos mais sérios e definitivos.

— Quero ter um filho mas acho que o casamento não representa muito. Prefiro viver de "amizades coloridas" ate encontrar uma mulher que me toque fundo. Casar é burocratizar-se. Prefiro ler meus livros, sair muito, vencer no futebol.

As "amizades coloridas" são muitas. Paulo Sergio não esconde que explora seus olhos azuis, seu corpo atletico, seu papo inteligente para fazer sucesso com as mulheres. E, pelo jeito, a tatica vem dando certo:

— O mais lindo nele é seu sorriso de verão carioca, livre, contagiante, sensual. Jamais o vi mal-humorado, é um homem de um astral maravilhoso.

A opiniao e de ninguém menos que Danusa Leão, uma das locomotivas da noite carioca. Danusa, Ricardo Amaral, Fagner e a manequim Silvinha são algumas das personalidades colunáveis com quem Paulo Sérgio mantém cordial relacionamento. Ele pode ser visto ao lado delas, por exemplo, jantando nos restaurantes da moda do Rio ou tomando um drinque no fechadissimo clube Hippopotamus.

Quando está nesses lugares, só bebe coquetel de champanha. E, numa noitada pelos bares do Leblon, às vezes chega a gastar 4 mil cruzeiros, o que não e pouco para quem ganha atualmente 80 mil por mês.

Paulo Sergio não esconde de ninguém a vida que leva. Mesmo porque sempre cumpriu religiosamente seus deveres profissionais. Só não permite é que o futebol o envolva por completo, a ponto de bitolar sua cuca. Na semana passada, por exemplo, dividiu suas emoçoes entre a extrema alegria pela convocação e a mais profunda revolta pelo atentado a bombas ao Riocentro, que classificou de "um crime contra o povo".

— O futebol faz parte de um contexto, mas não posso admitir que ele me limite como pessoa. Da mesma forma que não se pode só divertir o povo com o futebol, mas também atender suas necessidades.

Abrindo os braços, no imenso gol do Maracanã, que ele costumava, por sinal, fechar

**"Acho que o casamento não representa muito. Casar é burocratizar-se. Prefiro ler livros, sair muito, vencer no futebol"**

PAULO SERGIO

Paulo Sérgio sabe do que fala. Ex-estudante de Arquitetura, abandonou o curso pela metade para se formar em Economia – uma de suas principais preocupações, hoje, ao lado do futebol.

— Leio muito porque esta é a melhor maneira de, por exemplo, você aprender a distinguir a direita da esquerda.

Lê Celso Furtado, Agatha Christie e, mais recentemente, teve nas mãos o controvertido *Relatorio Hite* sobre o comportamento sexual das mulheres. Na Seleção, certamente terá lugar garantido no requintado clube dos intelectuais da bola, do qual já fazem parte Reinaldo, Sócrates, Junior.

Um Paulo Sérgio serio, compenetrado em suas leituras, sempre procurando um canto sossegado na casa que divide com a mãe, dona Filomena, e com o pai, seu Osmar, barbeiro de profissão. Mas um Paulo Sérgio também brincalhão, que adora freqüentar bons restaurantes e desfiar longas e animadas conversas nas praias de Ipanema.

Ali tem seu fã-clube particular, formado por lindas garotas de corpo bem-feito e pele bronzeada, que andam particularmente euforicas nesses dias que se seguem a sua convocação. E é uma delas que tem a frase definitiva e definidora deste tão desejado goleiro do Botafogo:

— Ele é o tipico homem do ano 2000. Sem pêlos no corpo e com a medida certa para todas as ocasiões.

*Com graves problemas financeiros, Zé Carlos enfrentava mais um revés na vida: um terrível acidente de carro poderia colocar fim à sua carreira. Com os filhos de coqueluche e encarando a terceira batida de carro em sequência, o goleiro chegou a deixar o hospital. Suas palavras são emocionantes*

**APESAR DOS FERIMENTOS NA PERNA, NA SEMANA PASSADA ELE FAZIA PLANOS PARA JOGAR CONTRA O FLAMENGO. ENQUANTO ISSO, SURGIAM AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DE SOLIDARIEDADE. O BOTAFOGO RENOVOU SEU CONTRATO E OS COMPANHEIROS PROMETERAM AJUDAR SUA FAMÍLIA**

POR MARCELO REZENDE

"Foi uma noite horrível. Ele parecia estar morrendo."

Cármen Lúcia, esposa do goleiro botafoguense, faz de tudo para apagar da memória a cena.

Noite de terça-feira, as enfermeiras de plantão da Casa de Saúde São Miguel são surpreendidas por um grito forte, angustiado, que vem do quarto 11. Lá dentro, Zé Carlos acaba de acordar. Está assustado, grita, quer se levantar de qualquer forma. Cármen Lúcia quase não tem força para segurá-lo na cama, acende a luz. Foi pior: ao ver um ferro imobilizando sua perna esquerda — onde sofreu quatro fraturas (o joelho direito tem sérios problemas de articulação)—, Zé Carlos se agita ainda mais.

— Foi uma noite horrível — lembra ela. — Ele parecia estar morrendo.

A manhã seguinte foi mais calma. Zé Carlos já sabia do acidente que sofrera no dia anterior. Só não sabia que corre o risco de nunca mais voltar a jogar futebol, a única coisa que sabe fazer na vida.

— Se deixarem, jogo dia 29 contra o Flamengo. Sabe, é dia de meu aniversário. Depois tem feijoada. Você não acha que vai dar?

No quarto escuro e quente, de paredes brancas descascadas, Zé Carlos parece ainda meio atordoado. Não lembra nada da batida frontal contra uma Brasília que trafegava na contramão. Nem sabe que a amiga que ia a seu lado, Sônia de Paula Freitas, dificilmente recuperará a visão do olho esquerdo, está com fratura na bacia, enfisema nos dois pulmões, correndo perigo de vida.

— É muito azar. Bati duas vezes em duas semanas. — Nas duas ao lado de Sônia, amiga de sua família desde os tempos de menino em Campos.

— Eu preciso jogar o mais rápido possível. Sei que tenho de operar. Por que não operam logo?

Olhar perdido vagando pelo teto, para de falar um pouco, depois repete a pergunta.

— Será que dá pra jogar contra o Flamengo, dia 29? Sabe, é meu aniversário.

De fato, precisa jogar. Ele recebe líquido, de salário, 22 mil cruzeiros por mês e sua dívida mensal chega a 34 mil, divididos entre prestação da casa, o Passat da primeira batida (ainda deve 90 mil), mais pequenas prestações de móveis e até mesmo um Chevette 78 que Zé Carlos também destruiu em outra batida, no ano passado.

— Ele só anda a 90 por hora — diz Cármen Lúcia, que, ultimamente, de tão nervosa está em tratamento psiquiátrico.

A enfermeira entra no quarto, dá um comprimido a Zé Carlos que, logo depois, acende um cigarro e pede ajuda à mulher.

— Levanta minha perna. Cuidado, dói muito.

Em seguida, Cármen Lúcia deixa o quarto. Está revoltada com tudo:

— Essa casa de saúde é um nojo. Olha que Zé Carlos chegou aqui terça-feira e, no dia seguinte, quase nos expulsam. Exigiam um depósito de 50 mil cruzeiros. Se não fosse o vice-presidente do Botafogo, Rogério Correia, iríamos para a rua.

Cármen Lúcia tem todas as razões do mundo para estar nervosa. O marido na cama e os dois filhos do casal — Cristiano, de 3 anos, e Renato, 1 ano — com coqueluche.

Volta ao quarto. Lá está Zé Carlos, meio acordado, meio dormindo. Ele pede o jornal e lê que Luís Carlos, também nascido em Campos, seria seu substituto no jogo contra o Fluminense. Atira o jornal longe.

— E o que ele mais temia — conta Cármen Lúcia. — Sabe que, se Luís Carlos entrar, ele dificilmente conseguirá recuperar a posição.

Na verdade, Zé Carlos já terá muita sorte se conseguir andar normalmente. Lídio Toledo, um dos médicos que vêm acompanhando o caso, não parece muito otimista.

— Em minha carreira, nunca vi um caso desses com um atleta. Ele fraturou o fêmur em quatro lugares e destruiu a articulação do joelho. É um caso raro, dificílimo também por causa de sua massa muscular.

Pressionado por muitas dívidas, sem saber o que o futuro lhe reserva, Zé Carlos teve uma boa notícia, na semana passada. O Botafogo resolveu renovar seu contrato por dois anos a 40 mil cruzeiros mensais. Isso representa 33 mil líquidos — fica faltando apenas 1 mil para saldar seus compromissos e alguma coisa a mais para dar de comer à família e mandar, como sempre faz, 3 mil cruzeiros para a mãe, em Campos.

Seus companheiros de Botafogo pediram à diretoria que lhe pague também todos os prêmios, como fizeram anteriormente com Nílson Dias. Se a proposta não for aceita, todos se propõem, desde já, tirar 10% da gratificação por vitórias e doar à família do goleiro. Mais ainda: o presidente Charles Borer promete arrumar um emprego ao jogador, caso ele não possa voltar ao futebol.

Tomara que Zé Carlos jamais tenha de cobrar essa promessa de Borer.

"Em minha carreira, nunca vi
um caso desses com um
atleta. Ele fraturou o fêmur
em quatro lugares e destruiu

*Botafoguense confesso, Mendonça era a própria estrela solitária do Botafogo. Com excelente visão de campo, muito técnico e com passes precisos, ele [illegible] o time todo, que contava com poucos craques no final da década de 70. Nesse depoimento, ele revela um pouco da sua paixão pelo clube*

# "Sou Botafogo doente!"

**SUA PAIXÃO PELO CLUBE O FAZ RECUSAR PROPOSTAS; E TAMBÉM EXIGIR MAIS DOS COLEGAS: COMO JOGADOR E TORCEDOR, ELE NÃO SUPORTA MAIS O JEJUM DE TÍTULOS**

POR MARCELO REZENDE

Aos 24 anos, o armador Mendonça ainda quer realizar seu sonho de menino: "ser campeão pelo querido Botafogo". Criado nas ruas do subúrbio de Bangu, Mendonça cresceu correndo atrás de uma bola. Nada de estudos: só foi até o segundo ano ginasial. Nada de namoradas, também: teve apenas Sandra, com quem se casou e com quem tem uma filha, Michele.

— Meu sonho de menino era um dia entrar no Maracanã e ouvir o povo gritar meu nome. Eu de braços levantados, o rosto molhado de suor e lágrimas, e nas mãos a taça de campeão carioca.

Sonho que ainda não realizou, mas que continua perseguindo com notável obstinação. Começou aos 12 anos, quando se apresentou no Botafogo firmemente disposto a largar tudo para se tornar jogador de futebol — tal como seu pai, Mendonça, ex-zagueiro do Bangu que, numa dividida com Didi, quebrou a perna e encerrou a carreira. Naquela época, 1968, Mendonça ainda hesitava: primeiro quis ser Paulo Cesar, depois desistiu e fez de Jairzinho seu guru profissional. Mas o garoto amadureceu e, com o tempo, acabou criando seu próprio estilo.

Há cinco anos, Mendonça é o titular absoluto do Botafogo. Um período de muitas angústias e poucas alegrias, que ele relembra neste depoimento exclusivo a PLACAR.

"Em 75, quando Zagalo me fez titular, isto aqui era uma merda. Foi quando me dei conta da concorrência desleal que impera no profissionalismo. No juvenil todos são amigos, um ajuda ao outro

Nos profissionais, cada um se vira sozinho. Meu pai mesmo diz: 'Cuida de você e deixa a vida dos outros'.

Já como titular, começando a cair no gosto da torcida, sofri um golpe profundo: a mudança do Botafogo de General Severiano, que eu amava tanto, para Marechal Hermes. Eu adoro o Botafogo.

Aprendi a gostar daqui porque nasci aqui dentro. Conheço todos os funcionários, nunca tive nenhum problema e sempre fui respeitado pelos dirigentes.

Por isso, só deixo o clube por muito dinheiro.

Como dizia, saímos de General Severiano e foi como se roubassem um pedaço da minha vida, justamente da minha infância. Naquele momento, enterraram meus piqueniques debaixo da arquibancada, meu sonho de herói. Sepultaram, friamente, a tradição, o carisma, o respeito que meu clube impunha. Confesso que chorei. Creio que eu, a quem todos apontam como um dos bons jogadores, vou ser conhecido daqui a alguns anos como 'esse craque de Marechal'. E eu queria ser de General.

Ser grande estrela tem um lado bom e outro ruim. O bom é ser solicitado para autógrafos, tirar fotos com torcedores, chegar nos lugares e ser tratado com carinho, ser reconhecido na rua, ouvir o estádio gritar seu nome. Em compensação, no erro você é o único culpado. Na última partida com o Fluminense, pela Taça Guanabara, eu estava errando todo os passes. A vaia invadia minha cabeça, os companheiros diziam: 'Finge que não escuta, Mendonça'. Não escutar como? Eu não escuto os aplausos, porra? Então, vou ouvir também as vaias. Elas são pra mim, sou eu que tenho de ouvi-las!

A bola só saía errada, me traía. Até que, aos 45 minutos do segundo tempo, empatei com um gol de cabeça: 1 x 1.

Não comemorei. Saí correndo em direção à torcida e xinguei, fiz gestos obscenos. Eu queria até tirar o calção, só não tirei porque a televisão estava lá e não pegava bem.

No vestiário, entrei chorando, atirei a camisa com violência no chão, pisei em cima e comecei a gritar: 'Não jogo mais nessa merda desse clube! Não jogo mais pra essa torcida!' Sou caladão, um jeito meio indolente, mas por dentro estou sempre em convulsão.

Horas depois, entendi: era a reação natural de uma torcida que não vence desde 68. Só esquecem que eu também estou nessa — 12 anos sem título.

Pensa que não sofro? Sofro mais que a maioria dos torcedores e conselheiros que se dizem botafoguenses. Porque eu, mesmo profissionalmente, sou Botafogo sem interesse porque amo o clube.

Um clube não pode ficar tanto tempo sem ganhar.

Ser jogador do Botafogo, hoje, é se sentir achatado, espremido, pisado pelos outros. Uma inferioridade crônica.

Os jogadores têm sua culpa. Você já chegou aqui antes do treino e sabe como é: tem gente rindo, brincando, a maior descontração.

Um mergulha em cima do outro, os apelidos correm soltos. Eu, jogador e torcedor, fico espantado: como pode haver tanto riso, tanta satisfação, tanta alegria entre nós jogadores, se não conseguimos ganhar nada? Isto aqui deveria ser mais sério, um ambiente em que as pessoas fossem seguras, conscientes, mas sem essas brincadeiras que na verdade não são de descontração e sim de fuga. Cadê a nossa vergonha na cara? E o sujeito que paga, que é fanático?

Quando chega aqui, na certa deve pensar: 'Não ganham nada e ainda ficam rindo como tarados mentais'.

**"Você dorme ídolo, acorda joão-ninguém. Esta é a profissão mais ilusória do mundo, que te dá alguns poucos momentos de dinheiro e satisfação"**

MENDONÇA

Já conversei com alguns, disse no vestiário: 'Quer dizer que todo mundo aqui está cheio de apartamentos, nadando em dinheiro?' O silêncio foi total.

Você pensa que adiantou alguma coisa?

Recentemente, falei: 'Vocês já pensaram na conta bancária dos jogadores do Flamengo?' Claro, o Flamengo tem de ser o exemplo pra tudo. Lá está o bom exemplo — jogadores dedicados, aplicados.

Eu mesmo organizei alguns churrascos, tentei reunir todos os jogadores numa grande família — só assim chegaríamos a algum lugar. Não deu resultado, ninguém se importou. Não será um presidente ou outro cartola que devolverá o título ao Bota, mas os jogadores.

O que ninguém entende é isso: você dorme ídolo, acorda joão-ninguém. Dorme ídolo, acorda um mortal qualquer.

Esta é a profissão mais ilusória do mundo, que te dá alguns poucos momentos de dinheiro e satisfação. Tenho em casa o exemplo de meu pai, inutilizado para o futebol no melhor momento de sua carreira. Ele me ensina todas as malandragens, mas ninguém enxerga isso.

Já sou um homem. Ganhei algum dinheiro (salário atual de 100 mil cruzeiros), comprei um bom apartamento (em Jacarepaguá, com 250 m² de construção), tenho carro, minha família.

Dentro de mim, entretanto, carrego uma frustração, talvez a única que tenho hoje: jamais ter sido campeão.

Como te disse, só saio daqui por muito, muitíssimo dinheiro ou depois de conquistar um título. Aí me sentirei mais homem, aí sim não estarei traindo meu sonho de menino."

Falta para o Botafogo: lá ia Mendonça para bola. Sua precisão era impressionante

*Foram sete anos de clube. Ele marcou 118 gols em 342 jogos e por muito tempo fo[illegible] teramente a estrela so[illegible]tária do time. Mas seu c[illegible]lo estava chegando ao f[illegible] [illegible] do [illegible] tinha outros ídolos, mais vibrantes e participativos que ele. Ou Mendonça mudava ou*

POR MARCELO REZENDE

# Caro Mendonça: Só a garrafa pode te salvar

**MENDONÇA, A ESTRELA SOLITÁRIA DE UM BOTAFOGO SEM TÍTULO SE APAGOU. É HORA DE MUDAR, ACONSELHAM ZICO E O TÉCNICO PAULINHO DE ALMEIDA. É HORA DE BATALHAR, MENDONÇA!**

Durante alguns dias, caro Mendonça, estive em Marechal Hermes tentando esclarecer dúvidas que angustiam a torcida do Botafogo: por que você deixou de ser aquele craque brilhante? Por que você não divide bolas, não luta? Por que você cedeu passivamente o posto de maior ídolo da torcida a Rocha?

Conversei demoradamente com seus companheiros, com o técnico Paulinho de Almeida, até com amigos seus. E, infelizmente, cheguei a uma conclusão: você está com medo de mudar, Mendonça.

Primeiro, você não entendeu o principal: a torcida do Botafogo, forjada durante décadas por times de estilistas, de craques do mais raro teor, agora quer empenho, luta. Frustrada pelos 13 anos sem títulos, ela prefere a dedicação de um Rocha, de um Zé Eduardo, aos toques mágicos que você executa quando a bola lhe chega aos pés. Ela quer sentir a sua explosão.

Não sou eu quem diz — é o seu conhecido Luís Antônio, um dos chefes da Torcida Jovem: "Sem títulos, preferimos gritar por uma equipe de luta. E essa equipe é personificada pelo Rocha, pelo Perivaldo, pelo Paulo Sérgio. Mendonça é o filho desprezado que vive ilusões de Seleção Brasileira, enquanto seus companheiros são convocados".

É difícil, bem sei, ser a estrela da companhia, esperar uma convocação e jamais ver seu nome na lista, enquanto companheiros seus, que nem eram cogitados, vestem a camisa da Seleção Brasileira. Lembra-se do que você me disse ao telefone, frustrado por não ter sido chamado por Telê logo depois da Taça de Ouro? "Minha vontade é chorar, abandonar tudo." Chorou, sentiu sua justa dor, esteve de mal com todos.

Mas é tempo de mudar. Não tenha medo, nem repita a explicação que deu ao técnico Paulinho de Almeida: "Seu Paulo, se eu mudar rapidamente acabo sem garra e abrindo mão da técnica". Que nada! Você pode ter as duas. Esqueça da maldita história que seu pai — o ex-jogador Mendonça — lhe contou sobre o incidente com Didi, naquele Fluminense x Bangu, em 1951. Você nem era nascido quando ele quebrou a perna. Ficou inutilizado para o futebol. E daí? Encheram sua infância e adolescência com essa trágica e cruel cena, mas é hora de se libertar do pesadelo. A história não se repetirá com você. Divida, entre firme, sem medo.

Se lhe interessa, vou revelar por que Telê ainda não o convocou: ele teme que na hora de uma partida difícil você trema, não se empenhe.

Para ele, como para Paulinho de Almeida, futebol hoje é a técnica de pouquíssimos contra a técnica e a dedicação de muitos. É hora de mostrar a eles que você não é covarde.

Ouça o recado que Zico, ídolo da maior torcida do Brasil, mandou Rocha lhe dar: "Mendonça precisa ir numa dividida e dar um bico na bola para a geral. Aí, todos vão passar a respeitá-lo mais".

Vamos, pare de se achar perseguido pela torcida. Ora, não me fale em 1979, naquela derrota de 2 x 1 para o Campo Grande. Você perdeu um pênalti, mas outros craques também já perderam. Ali, eu sei, foi a primeira manifestação contrária da galera. Mas torcida é assim mesmo — você é que tem de compreender esse amor passional. Pare de evitá-la, como você vem fazendo depois de cada treino.

Soube também, por amigos seus, que nas concentrações você se tranca no quarto e, nas viagens, não sai nem em dia de folga — prefere ficar dormindo. Veja o que me disse o bom lateral Perivaldo, que te admira e que fala de você com olhos de orgulho: "Nós gostaríamos de ajudar o Mendonça, mas ele é retraído, fechado. Aí, a gente tem medo de magoá-lo".

Até dos repórteres que estão diariamente no clube você começou a desconfiar. Quando um deles noticiou que Aimir disputaria sua posição, você saiu logo com a clássica frase de jogador: "Isso aqui está cheio de traíra". E no grupo a que você se dirigiu, Mendonça, os "traíras" defendiam sabe o quê? Mendonça titular absoluto.

O técnico Paulinho de Almeida admira sua técnica. Claro, ele tem 32 anos de janela e sabe quem é bom. Mas define claramente a sua atuação atual: "Mendonça é um jogador do Botafogo antigo, de toques e mais toques. Falta-lhe um detalhe: combatividade. E isso ele só vai conseguir se lutar muito para se modificar por dentro".

O próprio Rocha, símbolo deste novo Botafogo, dá dois bons exemplos que podem te ajudar: "Sócrates e Zico mudaram desde a Copa da Argentina e passaram até a dar carrinho para defender sua área. Hoje, a torcida quer briga, empenho. E não é só a do Botafogo, é toda a torcida brasileira".

E nós, Mendonça, não queremos que você vá desaparecendo lentamente. Queremos o Mendonça artilheiro da Taça de Ouro com 16 gols — e não o Mendonça de 7 gols no atual campeonato carioca. Este, um craque dos anos 50 no Maracanã dos anos 80, nós preferimos buscar no passado.

**"Nós gostaríamos de ajudar o Mendonça, mas ele é retraído, fechado. Aí, a gente tem até medo de magoá-lo"**

PERIVALDO, COLEGA DE MENDONÇA NO BOTAFOGO

*Assim como seu antecessor, Mendonça, Alemão também não ganhou títulos pelo Botafogo, onde jogou de 1982 a 1987. Mas com seu jeito humilde e seu futebol forte e valente, o mineiro de Lavras logo conquistou o coração da torcida botafoguense, que ressentia-se de um ídolo no time*

# A luz da estrela solitária

**AO OCUPAR COM BRILHO O LUGAR DE ÍDOLO QUE MENDONÇA DEIXARA VAGO NO INÍCIO DO ANO, ESTE JOVEM MINEIRO TROUXE UM NOVO ÂNIMO PARA A TORCIDA DO BOTAFOGO** POR HIDEKI TAKIZAWA

Alemão em campo: uma mistura de raça e técnica

Quando, desgastado e desgostoso, Mendonça deixou o time no início do ano, a desanimada torcida botafoguense sofreu um novo, duro golpe: como vibrar com um clube que teimava em perder o pouco brilho que lhe restava?

A resposta veio quase que num passe de mágica. Com sua figura marcada pelos cabelos louros — foi por causa deles que seu próprio pai lhe deu o apelido de Alemão —, Ricardo Rogério de Brito, forte e valente mineiro de Lavras, ocupou imediatamente o posto vago de ídolo. Seguro, tranqüilo ("E ambicioso", ele mesmo acrescenta), Alemão até capricha na retórica para garantir "Vou ser um dos heróis que farão a torcida do Botafogo desafogar as mágoas desses 14 anos de jejum"

Obstinação não lhe falta. Menino pobre, com quatro irmãos, foi ajudante de pintor até que cansou de ser explorado e começou a trabalhar por conta própria. Ao mesmo tempo, jogava no modesto time de sua cidade natal, o Fabril Esporte Clube, e um dia decidiu. "Mãe", avisou, "estou indo para o Rio de Janeiro, jogar bola, ganhar dinheiro e lhe comprar uma casa". Isso foi em 1980, quando ele tinha 18 anos (nasceu em 22/11/1961), e nem mesmo as privações iniciais o desanimaram: na abandonada concentração de Marechal Hermes, resistiu ao calor, aos mosquitos, à falta de lençóis e até de comida.

Aprovado na peneira do Botafogo, onde logo de início mostrou a coragem e a força de seus 1,80 m de altura e 70 kg, passou a esperar nos juniores (esteve na Seleção Carioca) a oportunidade no time principal. No meio do caminho, algumas humilhações superadas com resignação: ter de voltar a Marechal Hermes como pingente num trem da Central, depois de sair de uma operação no rosto no Hospital Miguel Couto; ou então ver um diretor negar-lhe 15 cruzeiros para o ônibus, só porque ele estava fora do time, convalescendo de uma gripe.

Em 1981, a chance surgiu. Era o segundo tempo de um amistoso contra o Fluminense de Feira de Santana, ele estava no banco e o técnico interino Félix mandou-o entrar em campo. E logo no lugar de Mendonça. "Imagine, substituir o Mendonça. Na hora, tremi. Mas me saí bem, no fim."

Cabeça-de-área inteligente, habilidoso e resistente (faz 4 480 m no teste de Cooper e, como profissional, já marcou oito gols), Alemão assinou contrato por 40 000 cruzeiros mensais, e ainda suportou a reserva a que foi relegado pelo técnico Jorge Vieira. Até que chegou Ernesto Guedes e ele foi promovido. "O Jorge prefere trabalhar só com estrelas. O Ernesto não, é do tipo que dá chances a quem quer subir", define.

> **"Sou ambicioso. Vou ser um dos heróis que farão a torcida do Botafogo desafogar as mágoas desses 14 anos de jejum"**
> ALEMÃO

E Alemão subiu. Em janeiro deste ano, renovou contrato por 4 milhões de luvas e 500 000 mensais de salário. A torcida o adora e ele sabe até onde pretende ir: "Não vou ser um novo Mendonça. Se as coisas um dia virarem, eu saberei o momento certo de deixar o clube. Evitarei humilhações. Mendonça, coitado, queimou sua imagem por amor ao Botafogo."

*Ele não foi uma paixão exclusiva da torcida do Botafogo, mas sim de toda uma nação. Mas os botafoguenses tiveram o privilégio de contar com o gênio de pernas tortas e dribles desconsertantes em seu time. Garrincha morreu três meses depois de PLACAR promover um histórico encontro entre ele e Pelé*

Com as crianças, que tanto se identificavam com ele: fenômeno de popularidade

# Adeus, alegria do povo

**O MUNDO PRANTEOU MANÉ. E SEUS MARCADORES DISSERAM-SE ORGULHOSOS DE UM DIA TEREM SIDO SUAS VÍTIMAS**

Por um desses episódios que são mescla de ironia e coincidência, a notícia da morte de Garrincha dada pelo *Times*, de Londres, apareceu ao lado do necrológio de um professor da Universidade de Cambridge, Walter Ullmann, que contribuiu imensamente para o estudo da História Medieval. O *Times* referiu-se aos encantos do futebol de Garrincha, a um inesquecível gol que marcou contra a Inglaterra em Viña del Mar, na Copa de 1962, ao seu melancólico fim. Só se esqueceu de mencionar que Garrincha foi também um notável contribuinte da História, no ramo do futebol, como um capítulo especial e incomparável. Até o *Financial Times*, onde notícias de esporte são raridade, encontrou espaço na sua primeira página e informou: "Little bird dies" — "Morre o passarinho". No *Daily Telegraph*, o cronista Donald Saunders recordou que "na tarde de um domingo em Viña del Mar, Chile, nem Ray Wilson, talvez o melhor lateral-esquerdo que já vestiu a camisa da Inglaterra, pôde enfrentar a magia de Garrincha".

"Antes daquele Brasil 3 x 1 Inglaterra, achei que poderia dominá-lo", confessou o ex-lateral Wilson a Jader de Oliveira, de PLACAR, em Elland, onde vive, no interior da Inglaterra. "Mas Garrincha era tão rápido, tão esperto, que mesmo encurralado num espaço mínimo transformava esse espaço numa imensidão, sempre com a bola nos seus pés, como que atraída por gravitação. E você sabe que eu fiquei feliz com minha atuação, embora isso soasse absurdo."

Naquela mesma Copa do Chile, o tcheco Ladislau Novak mereceu a incumbência de parar o camisa 7 brasileiro. Nas oitavas-de-final, saiu-se bem (0 x 0). Na final (3 x 1), contudo, o atual técnico do Dukla Praga não resistiu ao gênio de Mané, de quem se despediu com uma comovida frase transmitida a Guilherme Dieken, de PLACAR: "Adeus, Garrincha, você deixa saudade".

"Era impossível marcá-lo", define Novak. "Era um jogador imprevisível, a gente nunca sabia o que ele ia fazer com a bola. E ele era limpo, correto. Dava até orgulho tentar marcá-lo."

Na Suécia — onde Garrincha deixou um filho de 19 anos que vive em Halmstad e não chegou a conhecer — o habilidoso Gunnar Grenn, armador da Seleção que foi vice em 1958, comparou: "Ele, no lado de vocês, e Skoglund, no nosso lado, foram os grandes astros daquela Copa. E ambos morreram em condições semelhantes. Garrincha foi o maior mestre do drible de todos os tempos, um gênio da bola como jamais existirá outro"

O lendário Uwe Seeler, atacante da Seleção Alemã Ocidental na década de 60, lembra Mané como "alguém de rara categoria mundial". O espanhol Abelardo, que fez o único gol da Espanha contra o Brasil naquela mesma Copa de 1962 (2 x 1), emocionou-se com a notícia que lhe foi dada por Roberto Levinstein, de PLACAR:

"Não sei quantos de nós tiveram as pernas retorcidas por Garrincha, mas num Mundial isso foi motivo de orgulho, porque ele fazia, do nosso futebol, algo para se ter orgulho. Lamento não tê-lo enfrentado mais vezes"

Puskas lamentou "a perda de um grande amigo". Contemporâneos no futebol, enfrentaram-se várias vezes, por secções, clubes e até combinados. "Era simples como pessoa, mas uma jóia bastante rara", definiu.

Di Stefano, atual treinador do Real Madrid, resumiu tudo numa frase: "Garrincha nos embriagou pela malícia e beleza do seu futebol"

Na Itália, o coro de lamentações ecoou por vários dias, como se Garrincha fosse da terra. O técnico Ferrucio Valcareggi, vice-campeão do mundo em 1970, resumiu: "Ele sempre demonstrou ter mais fantasia que Pelé, quando partia em velocidade. Era o mais louco de todos, mas era também único na sua raça"

Falcão invejou: "Meu sonho de criança era ser um ponta-direita como ele" Luís Vinícius de Meneses, atual técnico do Pisa, começou nos juvenis do Botafogo com Mané, e recordou a Danilo Scarrone, de PLACAR: "Jogávamos em dupla no ataque e o que mais me impressionava era sua generosidade. Mesmo depois de vários dribles nos adversários, era capaz de passar a bola para outro companheiro marcar o gol"

De passagem por Londres — mora atualmente em Hong Kong — o capitão Bobby Moore, campeão do mundo em 1966 e titular também em 62, apenas suspirou: "Ah, que grande jogador ele era... Dele, todos nós, que jogamos contra o Brasil em 1962, guardamos uma lembrança reverenciosa, apesar do fato de ter sido o homem que nos derrotou"

## Drama até na hora da morte

No Brasil, milhares de pessoas compareceram ao enterro.

Houve tumultos e gestos de desespero. Foi a última batalha na vida sofrida de Mané. Agora, tudo acabou. Descansa em paz, guerreiro

Quando o caixão de Mané Garrincha, carregado por Djalma Dias, Brito e Bellini, deixou o Estádio do Maracanã ovacionado pela multidão, não houve como conter as lágrimas. Até na hora da morte, a vida foi difícil para Mané

Vida que, desde 1979, se resumia à triste rotina de ir de casa ao bar (bebia conhaque com cerveja) e do bar ao hospital. Até as suas internações na clínica de repouso Alto da Boa Vista — mais de uma dezena — foram conturbadas nos últimos tempos. Em novembro, sua mulher, Vanderléia, fez uma grave denúncia. "Garrincha me contou que davam bebidas e até maconha aos pacientes"

Nessas idas e vindas aos hospitais, Mané sofreu tanto que já não conseguia mais conter sua amargura, justo ele que sempre levou tudo na brincadeira. "Nunca fui um gênio, apenas um palhaço que corria com a bola nos pés divertindo as pessoas", costumava dizer

Mané morreu sentindo-se abandonado até mesmo pelos passarinhos, sua grande paixão. Mas que bom seria se ele pudesse ter visto a multidão que se comprimiu ao longo dos 56 km da estrada que liga o Rio a Pau Grande. Eram pessoas humildes, roupas simples no corpo, colhendo flores nos canteiros e lançando sobre o caixão.

Era tão querido que o povo de sua terra, na ânsia de despedir-se de seu ídolo, não permitiu sequer que o padre Juventino Cardoso, da Igreja de Sant'Anna, rezasse a missa de corpo presente. Houve invasão e tumulto quando o caixão foi aberto pela última vez. Bancos foram quebrados e uma imagem de Jesus Cristo desabou no chão. Até na hora da morte as coisas ficaram difíceis para Mané

Quando chegou ao cemitério de Vila Inhomirim, o cortejo esbarrou num penúltimo obstáculo: era preciso pagar os 4 600 cruzeiros pela cova, o que acabou sendo feito pelo cantor-deputado federal Agnaldo Timóteo. Pior: na hora de baixar o caixão à sepultura descobriu-se que ele era maior que a vala aberta no solo. Contornada mais esta dificuldade, finalmente, às 12h45 de sexta-feira, Mané Garrincha foi sepultado, sob os olhares de milhares de fãs

Pelé não apareceu, mas mandou flores. Ao final do enterro, seu nome, associado a adjetivos nada elogiosos, foi gritado insistentemente por algumas pessoas. Só o forte clima de comoção e desespero pode explicar tamanha injustiça: Pelé não tem nenhuma responsabilidade na tragédia em que se transformou a vida de Mané. Enlamear-lhe a reputação não vai tornar Garrincha maior do que ele é, nem atenuar a dor de sua perda

Garrincha foi único, mágico, inimitável. Na terra, Alegria do Povo. No céu, passarinho liberto, há de zelar por nós.

**"Nunca fui um gênio, apenas um palhaço que corria com a bola nos pés divertindo as pessoas"**

MANÉ GARRINCHA

*Em campo, o tetracampeão não era gênio. Mas sempre marcou belos gols, ajudando o Fogão a conquistar o Carioca de 1961/62 e o Rio-São Paulo de 1962/64 e 66. Quando encerrou a carreira de atleta, começou a trilhar o caminho de técnico vencedor no Botafogo, ao conquistar de cara seu primeiro título em 1967*

# "Estou pronto para lutar pelo tetra"

De estilo eficiente e discreto em campo, Zagalo sempre foi, no túnel, um furioso comandante

## O TÉCNICO DO TRI SE CANDIDATA A DIRIGIR O BRASIL NO MÉXICO, PENSANDO EM MANTER POUCOS DOS VETERANOS DO TIME QUE PASSOU PELAS ELIMINATÓRIAS

DEPOIMENTO A ARMANDO CALVANO

Zagalo, com a palavra: "Quando eu assumi a Seleção de 1970, evidentemente ela tinha uma base, que vinha das Eliminatórias, e aproveitei os melhores valores. Mas alterei todo o plano tático. João Saldanha teve o mérito da classificação e, faltando apenas dois meses para o início da disputa, aconteceu que ele saiu. Como eu vinha observando os jogos — na época, eu era treinador do Botafogo — senti que deveria haver uma profunda mudança tática.

Todos devem se lembrar de que nas Eliminatórias o meio-campo era Piazza e Gerson. Jogavam na frente Jairzinho, Pelé, Tostão e Edu. Na defesa, Carlos Alberto, Djalma Dias, Joel e Rildo. Quando assumi, fiz uma série de modificações. Fiz, principalmente, uma mudança radical no meio-campo, com a entrada de Clodoaldo e Rivelino, que estavam no banco. Então, armei o meio-campo com Clodoaldo, Gérson e Rivelino. Abdiquei, assim, do ponta especialista, no caso, Edu, que cedeu seu lugar a Rivelino.

A equipe das Eliminatórias jogava num 4-2-4 e mudei o esquema para o 4-3-3. Coloquei ainda Everaldo na lateral-esquerda e desloquei Piazza do meio para a quarta-zaga. Então, como se pode ver, a mudança foi mesmo radical. Assim, o time se tornou um bloco só. Para se ter um exemplo, às vezes ficava só Tostão na frente, quando nós perdíamos a posse da bola, e evoluíamos quase com a equipe inteira no ataque, ficando atrás Brito, Piazza e Everaldo. Ficávamos fazendo a marcação 'três-em-cima-de-dois', soltando o meio-campo e Carlos Alberto pela direita.

Aqui, quero fazer uma menção especial ao craque Tostão. Eu não o via como centroavante, não acreditava nele no comando do ataque. Ele estava com um problema muito sério na vista. Na verdade, eu procurava nem olhar para sua vista afetada. Cheguei a lhe dizer que ele seria o reserva de Pelé. Mas ele acabou

assumindo o comando do ataque e fez de tudo naquela Copa. Ele provou que eu estava errado.

Mas vamos voltar à atualidade. Hoje, existe uma coisa que se debate muito no futebol brasileiro. É o problema de jogar com ponta, de jogar sem ponta. O Flamengo já provou que isso não importa há poucos anos, ganhou todos os títulos sem extremas. O Brasil sempre foi campeão do mundo com um falso ponta-esquerda. Eu, que participei como jogador das campanhas de 1958 e 62, jogava assim e Rivelino fez o mesmo papel em 1970. Portanto o problema é só saber encaixar o jogador dentro de uma função e a equipe toda evoluir de acordo com a filosofia do treinador.

Não importa se há ponta especialista ou não. Aliás, a agressividade de uma equipe nunca está ligada à posição do jogador. A chave do problema é ter os espaços bem ocupados tanto na hora de atacar quanto na hora de se defender. Nós temos de abrir os olhos para o fato de as equipes européias explorarem os contra-ataques em alta velocidade. Neste caso, se o time adversário não sabe se colocar, é evidente que eles vão encontrar espaços para jogar.

O futebol brasileiro atravessa um momento difícil nesse duelo com os europeus. Quando encontramos um bloqueio rígido pela frente, nós sentimos as dificuldades, pois nossa técnica caiu muito nos últimos anos. Pode-se ainda formar uma boa Seleção, mas nunca comparável às grandes seleções brasileiras de anos atrás. Esse, contudo, é um problema do futebol de todo o mundo: o nível dos jogadores vem caindo dia a dia. E isso pode-se notar nos jogos das Eliminatórias que passam na televisão: as dificuldades de penetração são imensas.

Daí eu repetir sempre que a posição do jogador não importa. Importa é que o time vá para a frente com no mínimo seis jogadores, para abrir caminhos. E há outro detalhe importante: jogando assim, na hora em que perder a posse de bola, o time terá número suficiente de jogadores na frente para combater a saída de bola do adversário. Evitará desse modo o contra-ataque tão utilizado pelos europeus.

Mesmo com nossas dificuldades, acho que o Brasil entrará em vantagem no México. O motivo principal é que a experiência de 1970, com a conquista do tricampeonato, nos deu a certeza de que o trabalho feito deve — e precisa — ser repetido. É só consultar os arquivos da CBF que lá se encontrará tudo o que for necessário para orientar a preparação. Não se deve alterar o que deu certo.

Acho que a altitude não é um fantasma como muitos afirmam, mas deve ser encarada a sério. Em relação a isso, também devemos fazer um trabalho idêntico ao de 1970. Temos de subir a serra dois meses antes. É um dado científico que, por obrigação, não pode ser deixado de lado.

Só acho que a preparação técnica e tática da Seleção está atrasada demais. Hoje, pelo menos a equipe já deveria estar estruturada. Por que isso?

Porque, quando se chegasse à fase decisiva da preparação — os dois meses que antecedem a competição —, já haveria um time delineado, que já teria participado de partidas amistosas, além de uma eliminatória.

Mas insisto — e vou insistir sempre — que a equipe que disputou as Eliminatórias é velha. É uma equipe que tem sete a oito jogadores com 32 anos. Lógico que você vai aproveitar alguns desses jogadores, mas nunca a totalidade numa competição como a Copa do Mundo, disputada num curto espaço de tempo e que exige demais do atleta. Ainda mais na altitude. Tem de haver uma reformulação em relação ao time que disputou as eliminatórias. Tem de haver uma mescla. Há muito tempo já se deveria estar observando novos valores, escolhendo-os cuidadosamente, testando-os, para que se unam aos mais veteranos. Disputar uma Copa com média de idade de 31 anos pode trazer conseqüências desastrosas. Podem argumentar que em 1958 e 62 o Brasil foi campeão do mundo com a mesma equipe. Mas naquela época o futebol não tinha a evolução física atual. Hoje, o jogador de futebol não deixa de ser também um fundista. Ele tem de entrar em campo e correr os 90 minutos. Não pode parar.

Fui muito criticado na minha época de jogador, principalmente em 1958, porque eu fazia uma função dupla, de ponta e de lateral. Hoje, todos os jogadores têm de ter dupla função, não importa a posição. Todo mundo sempre diz que os laterais modernos têm de atacar. Por que os pontas modernos não têm também de defender? O resultado é que só os laterais são modernos, vão à frente, fazem gols. O ponta, este só fica olhando e nunca volta para marcar o lateral adversário quando este ataca. Nem mesmo o centroavante, hoje, pode ficar parado. Ele tem de buscar jogo, tem de brigar. Não existe mais o time de 11 jogadores. Hoje, 11 valem por 22. É a lei do futebol.

Leandro é um craque de bola por isso. Joga de lateral, joga de beque, vai à frente, faz gol, volta e marca com a mesma eficiência. Este é o jogador atual. E não abdica nunca de sua requintada técnica. Daí eu considerar fundamental que a Seleção no México seja mesclada. Não podemos abrir mão dos mais talentosos, mas também devemos ter aqueles que exercem sempre uma dupla função. Só não quero entrar em detalhes sobre como seriam aproveitados os mais jovens, pois essa área é muito perigosa. Temos, por exemplo, o caso de Geovani, Chuteira de Ouro no Mundial de Juniores, no próprio México, e que agora está na reserva do Vasco. Não estou querendo desmerecer Geovani, em absoluto, só quero dizer que ele sofreu o impacto da subida para o primeiro time. Por motivos como esse é que eu digo que já se deveria estar fazendo um profundo trabalho de observação para saber quem pode ou não servir a Seleção. Esse trabalho tem de ser feito e não pode mais ser adiado."

**"Todo mundo sempre diz que os laterais modernos têm de atacar. Por que os pontas modernos não têm também de defender?"**

ZAGALO, JÁ COMO TÉCNICO DE FUTEBOL

*O discurso continuava o mesmo. Depois de consagrar-se com a camisa da Seleção, a despeito do fracasso do time na Copa de 1986, Alemão retornou ao Botafogo com a obsessão de tirar o time da fila. Não conseguiu e acabou sendo negociado para salvar as finanças do clube meses depois*

# Curtindo o sucesso

POR MILTON COSTA CARVALHO

**COM A GARRA QUE [illegible] NA [illegible] UMA [illegible], O APOIADOR QUER AJUDAR O BOTAFOGO A PÔR UM FIM NO JEJUM DE 18 ANOS SEM TÍTULOS**

São sonhos mágicos de todo jogador, cuja roda da fortuna gira para cima e que volta consagrado de uma Copa do Mundo. Transferências para a Europa, contratos fabulosos, sucesso. Zico, Sócrates, Júnior, Toninho Cerezo, Edinho e até quem pegou carona na fama seguiu a venturosa estrada, depois do Mundial de 1982, na Espanha. Agora chegou a vez dos que brilharam no México.

Alemão, o apoiador do Botafogo, foi uma das estrelas mais cintilantes da última Seleção de Telê. Mas, pelo menos por enquanto, ele não está colocando o exterior entre suas prioridades. Ao contrário, neste momento a única coisa que interessa a esse mineiro de Lavras é ajudar seu querido Botafogo a quebrar o longo jejum de 18 anos sem títulos.

"Quero primeiro me realizar no Brasil", afirma. "E essa realização só virá no dia em que eu der a volta olímpica como campeão pelo Botafogo." Tanta determinação faz lembrar a valentia que Alemão emprestou à Seleção Brasileira na última Copa. A mesma vontade determinada de vencer que o fez trocar, há seis anos, o pequeno Fabril, time de Lavras, pelos juniores do Botafogo.

Uma atitude típica de quem "veio do nada" como ele mesmo diz, e hoje é um dos jogadores brasileiros mais requisitados e elogiados.

"E olha que eu era um dos prováveis cortados, quando tudo começou", desconta ele. É verdade. Na época da convocação, nem contrato com o Botafogo ele tinha. Para não perder a forma, corria na areia fofa da Barra da Tijuca e pedalava no Aterro do Flamengo, no Rio. Lembranças que Alemão saboreia nesses dias de folga que ganhou ao voltar do Mundial. É hora de curtir o ócio, deixar-se ficar ao lado de Carolina, a filha de 1 ano, ou de trocar carícias com Cláudia, sua mulher, filha do ator Oswaldo Loureiro. Tudo como qualquer homem que volta, ao fim de uma longa viagem, saudoso e certo de um trabalho bem realizado. Não voltou campeão do mundo, é certo, mas está feliz.

## Grandeza e doçura

Ar vitorioso e sereno, nem de longe se percebe fragmento do garotão que carrega a fama de temperamental, explosivo, brigão e indisciplinado. Na Seleção, discutiu com Telê em alguns momentos, mas foi o único jogador a procurar o técnico quando tudo havia acabado. Queria agradecer

Capitão do time, contra o Palmeiras de Mirandinha: esforço em vão

**"Quero me realizar no Brasil. E essa realização só virá no dia em que eu der a volta olímpica como campeão pelo Botafogo"**

ALEMÃO

a confiança em seu futebol e prestar solidariedade. Ali mostrou grandeza. Essa atitude, porém, não significa que Ricardo Rogério de Brito, seu verdadeiro nome, 24 anos, 1,80m, 71 kg, pretenda ser o protótipo da doçura.

Personalidade tão forte quanto o estilo de jogo que exibe em campo, onde o pulmão privilegiado lhe permite defender, cobrir e armar jogadas durante 90 minutos, Alemão é capaz de ir às últimas consequências em defesa de seus direitos. É um brigador.

Ele evita falar de seu sucesso na Seleção. Foi uma longa travessia, curtida desde as primeiras vitórias — como quando obteve os melhores tempos nos treinos físicos. Os sinais de que o vento começava a soprar a seu favor vieram no amistoso contra o Peru, na fase de testes na Seleção.

Sentiu então que agradou em cheio quando começou uma jogada que acabou num pênalti em Muller. O próprio Alemão cobrou e marcou.

E ainda deu o passe para o último gol da goleada de 4 x 0, marcado por Careca. Naquele momento, começou a ouvir o coro da torcida gritando seu nome. "Descobri que todas as torcidas são iguais", observa. "Como a do Botafogo, o que elas querem é sentir garra e coração."

Já no México, sentiu ter conquistado a preferência de Telê quando, num treino, o técnico testou-o no lugar de Elzo. No dia seguinte, com a contusão de Edson e a espera por Josimar, novo sucesso na lateral. Não havia mais o que provar.

Valeu a pena. Até mesmo todo aquele tempo de clausura na concentração. Daqueles dias, ele tem a certeza de que tudo não passava de uma grande família, até mesmo nos pequenos atritos de campo. De recordação, uma fita cassete em que ele e Casagrande fazem o Jornal do Bobo, numa imitação do quadro humorístico do programa de Chico Anysio.

Do ponto de vista pessoal, Alemão acredita que a experiência da Copa o amadureceu técnica e profissionalmente: conseguiu mesclar a malícia e o jogo cerebral dos titulares com o futebol forte e de marcação do time reserva.

## Fé no "Rá"

Mas é no sossego de sua casa que este craque polêmico revela seu lado espiritual. A Bíblia aberta sobre o console da sala não se trata de mero objeto de decoração. "Tenho fé mesmo", garante.

E é exatamente por essa razão que ele quer ir a Pouso Alegre, em Minas Gerais, conhecer outro mineiro ilustre, lá residente: Thomas Green Morton, o profeta do "Rá", guru da cantora Baby Consuelo e de uma dezena de artistas. "Eu soube que Thomas tem muita fé em Deus", diz. Por isso, Alemão anda distribuindo "Rás" — uma saudação-ritual que significa energia positiva — para os amigos e para seu clube do coração. "Rá, Botafogo", grita. E tem muita esperança.

"Crioulo criado na Cidade de Deus ou é cheirador de brizola (*cocaína, no meio da malandragem*) ou cachaceiro, ou bandido. Ninguém perdoa, por que perdoariam a mim?"

# Um herói brasileiro

**FOI UM CASO TÍPICO DE COLISÃO COM O DESTINO. LEANDRO DESISTIU DA SELEÇÃO. ÉDSON MACHUCOU-SE. E AÍ SURGIU UM ÍDOLO GENUINAMENTE NACIONAL** POR MARCELO REZENDE

Como deve ser um ídolo do Brasil? Profissional exemplar, como Zico. Deve falar o que pensa, igual a Sócrates? Quem sabe, requintado e agradável, tal Paulo Roberto Falcão? Ou ainda reservado e de gestos medidos, como o inigualável Pelé. Seriam estes os perfis ideais de um herói à brasileira, que emocionasse o povo pela arte do inesperado e pela veia do improviso? Imaginemos uma contraproposta.

Imaginemos um ídolo adepto de boas quantidades de cerveja, sob suspeita de gostar de coisas proibidas, amante dos prazeres da noite e por duas vezes detido pela polícia. Para o torcedor, tudo isso não passa de maledicência alheia. Ele é o camisa 13, nosso talismã, dono de um futebol [illegible] irresponsável, que nos faz evocar São Garrincha. Como Mané, ele veio do Botafogo, time que, apesar de seus 18 anos sem títulos, sempre cedeu jogadores para a Seleção.

## Dribles satânicos

Josimar Higino Pereira tem 24 anos e um fã-clube de 130 milhões de brasileiros. Possui um sorriso de anúncio de dentifrício e olhos negros e firmes, capazes de despertar confiança. Surpreendente Josimar: nem parece o arquiteto de dois dos mais belos gols da Copa, gols decisivos para o Brasil e que, para ele, foram como duas bravas pancadas na porta do destino. Aqueles pés número 42 mandaram a bola no ângulo do goleiro Pat Jennings, da Irlanda do Norte, e humilharam os poloneses do papa com dribles satânicos, até a extrema-unção no goleiro Mlynarczyk.

A milhares de quilômetros de Guadalajara, na Barra da Tijuca, Rio, Leandro assiste aos jogos na casa de um amigo. Está vestido com a camisa amarela de número 2, que seria dele caso não tivesse desistido da Seleção. "Josimar está muito bem no time e vem provando ser um jogador de estrela", vibra o ex-titular.

Mas Josimar ainda não pegou a embocadura de ídolo. Tem todo o jeito de Macunaíma, personagem da rapsódia de Mário de Andrade. Bigodinho ralo, sen-

tar meio agachado, matreiro. Se não tem caráter, como Macunaíma no livro, este traço ficou nas redes inimigas. Outro dia se fez de bobo. Tomou emprestado o carro do presidente da comissão técnica, Nabi Abi Chedid. Ficou várias horas passeando e, quando voltou, por brincadeira, seus companheiros disseram que iam cortá-lo por indisciplina. Fez cara de medo. O próprio Nabi, penalizado, chamou-o para desmentir o corte. "É ingênuo demais", pensaram. Engano.

A Cidade de Deus fica a 40 km do centro do Rio de Janeiro e granjeou a reputação de ser um dos lugares mais violentos do Brasil. Uma escola capaz de abortar qualquer espécie de ingenuidade no nascedouro, e onde ele forjou sua filosofia de vida: "Pato no ovo não mergulha fundo".

Foi lá que ele viu a mãe, dona Miuda, e seus cinco irmãos serem abandonados pelo pai, Hélio Godoy, que nem sequer o registrara. Josimar tinha, então, 6 anos de idade. Foi na Cidade de Deus que Josimar viveu o inferno, quando a mãe juntou os trapos com o policial Amir Leal dos Santos. Muitas vezes, ao chegar em casa, Josimar encontrava a mãe escondendo as lágrimas e o olho roxo. Tinha apanhado do companheiro.... Franzino, dando duro como contínuo e até como servente de pedreiro, ele alimentava um ódio frio pelo padrasto. "Tinha vergonha dos amigos e vizinhos, que presenciavam minha mãe levar pancada", recorda, hoje sem rancor, na tranqüila concentração do Brasil em Guadalajara. "Mas um garoto jamais esquece isso", reflete.

A forra viria depois do III Mundial de Juniores, disputado na Austrália, em 1981. Ao chegar, deixou as malas em casa e saiu para tomar umas cervejas com os amigos, numa birosca da Cidade de Deus. Entre um e outro copo, a irmã surgiu chorando, e ele não demorou a compreender que a mãe havia sido espancada novamente. Correu para casa fortalecido pelo preparo físico e pelo sentimento de vingança. Fez o valentão experimentar de seu próprio remédio e mostrou a ele que, doravante, naquele terreiro, quem cantava alto era o galo novo. Depois disso, surras, nunca mais. Hoje, o padrasto é um exemplo de marido.

Nessa época ele já conhecia Elisa, com quem se casou em março de 1984. O casal mora num apartamento alugado no bairro de Taquara, em Jacarepaguá. Elisa, estudante de Letras, topou com Hebe Camargo na quarta-feira passada, dia 18, no programa semanal da apresentadora de TV no SBT. Elegante, dicção perfeita, Elisa não escapou aos notórios "que gracinha", disparados por Hebe. E nem foi poupada de um diálogo constrangedor:

— Como é mesmo o nome da favela que vocês moram? — perguntou Hebe.

— É um bairro — sorriu a mulata Elisa, confiante de ter ligado o desconfiômetro de veterana mulher de TV.

— Mas eu ouvi um repórter dizer que tem tanto bandido por lá...

— Não é bem assim — atalhou a distinta Elisa, que só então pôde prosseguir a entrevista em paz.

"Eu sem Josi não existo", afirma. "Mas a gente não tem tempo nem de brigar"

Josimar, o Macunaíma: passadas largas, apoio consistente ao ataque, cerveja e cigarro escondidos

suspira. É sempre assim. Quando o marido desfila na Beija-Flor, ela fica em casa. Quando viaja, Elisa recorta jornais e revistas para montar os álbuns dele. Na hora do fogão, o capricho vai para o caldo de mocotó e a lasanha, pratos preferidos do jogador. Cuida de tudo. Quando o limite de cerveja é ultrapassado, Elisa regula. "Neguinho, vai devagar", aconselha, brincando. E é atendida.

## "Brizola e cachaça"

Josimar não sabia o que passava pela cabeça de Telê quando foi escalado. Mas uma coisa era certa: tudo seria lucro. Estava sem contrato com o Botafogo desde março, mas tinha se livrado da fama de amante das bebidas e das drogas. "Crioulo criado na Cidade de Deus ou é cheirador de brizola (cocaína, no meio da malandragem), ou cachaceiro, ou bandido", costumava dizer. "Ninguém perdoa, por que perdoariam a mim?"

Sempre foi um cara de sorte. Escapou duas vezes de ir parar no xadrez. Na primeira, era, como se diz, "de menor". Tinha 15 anos, estava jogando sinuca quando os "homens" apareceram. Aos 18 anos, passeava pela Praia do Pepino, ao lado da Rocinha, quando a polícia o segurou. Sem documentos, foi salvo pela intervenção de um bem apessoado torcedor botafoguense que passava pelo local. Nem por isso deixou de levar a vida com uma certa dose de malandragem. Não nega que tem amigos do outro lado da lei.

É claro, toma certos cuidados. Na Seleção, fuma escondido do técnico Telê. "Não se deve dar bandeira para a autoridade", sussurra. Mesmo assim, os exames indicaram um físico invejável. Seu sangue é capaz de armazenar tanto oxigênio quanto o de qualquer atleta que tenha passado a vida nas altitudes mexicanas.

Momentos antes de os jogadores embarcarem no ônibus que os levaria ao Estádio Jalisco para enfrentar a Irlanda, o técnico chamou o lateral.

— Josimar, você vai jogar.

"Eu tremi", confessa hoje o novo herói. "Não esperava que o homem me desse a notícia assim, na bucha."

## Bomba na lenda

Independentemente do resultado da Copa, Josimar sabe o que o aguarda na volta. O dirigente do Botafogo, Alcides Aguillar, viajou para o México para tentar renovar seu contrato, mas não conseguiu. O presidente Althemar Dutra de Castilho, que não suportava a idéia de vê-lo nem em fotografia, já passou dois telegramas cumprimentando-o pelas exibições.

Josimar Higino Pereira, nascido a 19 de setembro de 1961 no bairro de Pilares, subúrbio do Rio, e criado na Cidade de Deus, é agora herói do Brasil. Já não quer se lembrar dos dias em que vestia calça de tergal enquanto os outros usavam jeans, e ele saía de casa com vergonha. Já evita recordar a casa de dois cômodos que dividia com mãe, padrasto e cinco irmãos. Dá risada das palavras do ex-diretor botafoguense, Antônio Cattapan: "Você é um torto na vida". Adora cerveja, samba e noitada. Ama futebol e gol.

*O mineiro Mário José dos Reis Emiliano conheceu o f... do do poço com a morte do filho e a separação da mulher. Se afundou nas bebidas e depois se reergueu. Craque cortado da Seleção ... vésperas da Copa de ...86, foi dono de um futebol encantador: velocidade, drible, alegria*

# A dura volta do

POR ALFREDO OGAWA

**O PONTA DO BOTAFOGO RECORDA SUA TRAGÉDIA, NÃO PEDE A PIEDADE DE NINGUÉM E PROCURA FORÇAS PARA RECONSTRUIR A VIDA**

Esta é a historia de um homem que sofreu a maior das desgraças. De alguém que viu o filho morrer e foi abandonado pela mulher e amigos. Um homem que procurou na bebida a anestesia para a dor. É a história de um dos mais alegres ídolos de um dos maiores clubes do Brasil. É o drama de Mario José dos Reis Emiliano — o craque de 30 anos que passou da glória de defender uma Seleção Brasileira para a vergonha de tropeçar embriagado pelos botequins do Rio.

Esta não é uma história de final feliz. É o relato de um jogador que luta para dar a volta por cima. Que procura forças para recomeçar tudo. "Não quero provar nada a ninguém", diz. "Quero apenas provar a mim mesmo que sou um homem digno."

Esta, enfim, é a história do ponta-direita Marinho, camisa 7 do Botafogo, e do inferno que foram estes últimos meses em sua vida. O sorriso largo, marca registrada de algum tempo atrás, não aparece em seu rosto. O riso tímido de hoje, porém, tenta fazer esquecer os olhos inchados, a barba malfeita, o cabelo desgrenhado de há algumas semanas. Não tem chegado mais atrasado aos treinos, não é mais visto alcoolizado a perambular pelos pagodes. Vai para casa cedo.

## Drama e travessia

Não, não é aquela casa, o espaçoso sobrado onde Marinho passou todo o seu drama. Para começar a sair do inferno, ele precisou atravessar a rua. Agora ele mora no lar dos Freire — o padeiro Alaizo, dona Luzinete e as meninas Adriana e Ludymilla. Dali é que Marinho olha para o outro lado da rua. Dali é que recorda o outro lado da vida. Era lá que morava com a mulher Tânia e os filhos Marinho, Priscilla e Marlon. Corria o mês de outubro do ano passado e o casamento ameaçava ruir. Cansada dos sumiços do marido, Tânia decidiu ir embora para Belo Horizonte com as crianças. "Foi quando tudo começou", recorda o ponta.

A situação parecia melhorar no início deste ano. Depois de três meses, a mulher resolveu voltar. Ao mesmo tempo, Marinho se transferia do Bangu para o Botafogo, no qual teve uma bela e festiva recepção. Veio, porém, a contusão no tornozelo num treino, antes da estréia. Veio, pior, a tragédia. No dia 12 de fevereiro, véspera de Carnaval, seu filho caçula, Marlon, 1 ano, morreu afogado na piscina da casa. Dias depois, Tânia o abandonava de novo. "Minha cabeça entrou em parafuso."

## Fuga sem rumo

Emocionado, conta a cena que mais o amargurou. Durante um treino, Marinho se surpreendeu quando os ocupantes de um carro preto o chamaram. Eram funcionários de uma funerária. "Viemos buscar o cheque para pagar o transporte do corpo do Marlon para Belo Horizonte."

Seu filho morto estava ali no rabecão. Tânia mandara exumar o caixão para transferi-lo até Minas. Quando o perplexo Marinho chegou em casa e pagou os 150 000 cruzados, já era noite. "Eles passaram o dia todo me procurando", reclama, indignado, "correndo a cidade com o corpo de Marlon no carro".

Foi a gota d'água, mas o pior acontecera antes. "Depois que Marlon morreu, peguei meu carro e parti sem rumo", conta Marinho. "Onde havia um bar aberto eu parava. Meu negócio era beber."

Sua casa era a Mercedes. Seu guarda-roupa, o porta-malas do carro. Seu chuveiro, um banho de perfume Azzaro. Torrava o dinheiro em boates, pagava a bebida dos outros. "Foram mais de 100 000 cruzados numa semana", contabiliza.

Marinho na marcação: o ponta foi convocado por Telê, mas não chegou a ir à Copa. E não entendeu por quê

Marinho sabe que errou. "Fui fraco", reconhece. Mas não quer piedade nem perdão. "Quero apenas que me entendam", pede. O que as pessoas fariam em seu lugar? O que lhe doeu mais foi o abandono. Os "amigos", que enchiam sua casa e gostavam do churrasco e da cerveja por conta do jogador, sumiram de repente. "Na rua, começaram a me evitar", revela. "Os pais não queriam que seus filhos se aproximassem de mim."

Ele já estava pensando em abandonar o futebol. "Iria vender tudo e trabalhar no interior de Minas, onde ninguém jamais tivesse ouvido falar de mim."

Foi assim que sua mãe o encontrou. Dormindo na casa vazia, no carpete da sala, sem cobertor. Tânia levara tudo embora. Seu travesseiro era um cavaquinho. Dona Efigênia ficou desesperada.

"Se essa história se passasse no cinema, ninguém acreditaria", compara. Um Marinho magro e abatido começou a se transformar na casa dos Freire. Lá, se sentiu seguro. Praticamente adotado pela família, tornou-se o irmão mais velho de Adriana, 14 anos, e Ludymilla, 8. "Queriam destruí-lo", acha Aluízo. "Faltava muito pouco para sua decadência total." Marinho é tratado com rigor pelos "pais adotivos". Tem até horário certo para chegar em casa. "Não me envergonho disso", diz ele. "Eles confiaram em mim quando ninguém confiava."

**"Depois que Marlon morreu, peguei meu carro e parti sem rumo. Onde havia um bar aberto eu parava. Meu negócio era beber."**

MARINHO, APÓS A MORTE DO FILHO

Hoje, alheio à descrença geral, o ponta se diz recuperado. A Mercedes, já vendeu. Não quer mais saber de pedir dinheiro emprestado ao supervisor Neco, do Bangu. De Tânia, só pretende a separação. "Nunca deixei faltar nada a ela e a meus filhos", afirma, de consciência tranqüila.

Depois de 18 anos de vida de boleiro, Marinho recomeça do zero. O inferno vai passando. Ele suspira e arrisca uma brincadeira, como nos bons tempos. "Vai ser aquela velha história: com Marinho em campo, não tem marcador em branco." E ri. Um riso tímido com a marca da esperança.

*Quanto mai[illegible] da história do Botafogo [illegible] teve uma [illegible] meteórica. Passou rapidamente dos juvenis para os profissionais graças às [illegible] arrancadas. Ele ajudou o [illegible] a conquistar [illegible] 1967/68 e a Taça Brasil de 1968*

POR PATRICIA HARGREAVES

# Jairzinho

# Furacão feito de aço

## COM VELOCIDADE INFERNAL E UMA FORMIDÁVEL MASSA MUSCULAR, ELE DECIDIA TODAS

México, 1970. O Brasil está vencendo a Tchecoslováquia por 2 x 1, em sua estréia na Copa. Gérson, da intermediária, percebe Jairzinho infiltrando-se pelo meio da zaga adversária. O lançamento sai alto, em curva, na direção da meia-lua da grande área. O goleiro Viktor abandona sua meta em desespero. Jair arranca. É como se fosse um carro de Fórmula-1: em segundos, já atinge uma velocidade altíssima. Os zagueiros vão ficando para trás, um a um, e logo desistem de acompanhá-lo.

Viktor, que tinha de percorrer apenas cerca de 15 m, já está quase alcançando a bola. Mas o atacante brasileiro é mais rápido e lhe aplica um lençol perfeito. Aí, com o gol vazio, mata no peito, passa a bola para a coxa e toca tranqüilamente para as redes.

Vinte minutos depois, o mesmo Jair recebe um passe de Pelé na intermediária tcheca, livra-se do zagueiro Hagara, passa por Horvath, volta a driblar Hagara, num ziguezague estonteante, e chuta forte, cruzado, de fora da área, no canto direito de Viktor. Brasil 4 x 1. Começava a nascer naquela tarde de Guadalajara mais uma futura lenda do futebol brasileiro.

Para os torcedores cariocas, acostumados a ver Jairzinho atuando pelo Botafogo no ensolarado Maracanã, não havia nenhum motivo para se surpreenderem com aqueles dois golaços, produtos da combinação explosiva de habilidade, velocidade e alto poder de finalização. Para os outros, porém, que não o viam jogar com freqüência, foi de fazer o queixo cair. Para eles, afinal, Jair não passava de um bom atacante de estilo rompedor, principalmente quando comparado a gênios como Pelé, Tostão, Rivelino e Gérson.

Jairzinho, de fato, dono de um físico privilegiado (1,75 m e 69 kg), não rejeitava nenhuma dividida e sabia também ganhar jogadas utilizando a força do corpo. Mas, naquele Mundial do México, ele provou de forma definitiva a todos que sua intimidade com os segredos da bola era imensa. "Ele dava muitas alternativas para os companheiros", lembra o ex-volante Clodoaldo, campeão mundial em 1970. "Podia também ser lançado em velocidade como utilizado em triangulações." Clodoaldo, hoje, recorda com emoção o gol que seu companheiro fez contra o Uruguai nas semifinais da Copa. "Jair recebeu a bola de Pelé e, com a bola sempre junto ao pé direito, foi vencendo os zagueiros com velocidade, entrou na área e chutou no canto, sutilmente. Um tremendo gol", vibra o ex-meio-campista.

Jairzinho, na verdade, não era ponta-direita. Ele só aceitava vestir a camisa 7 na Seleção. No Botafogo e nos outros clubes em que jogou (Cruzeiro, Olympique de Marselha, Noroeste de Bauru, Portuguesa da Venezuela, Nacional e Fast) seguiu sempre fiel à sua vocação: ponta-de-lança. Com a 8, acreditava podia explorar melhor a eficiência mortal que tinha para concluir as jogadas. "Era, mentalmente, um homem-gol autêntico", afirma o técnico vascaíno Nelsinho. A facilidade que possuía para chegar às redes adversárias é lembrada como uma história saborosa pelo bicampeão mundial Didi, seu ex-companheiro no Botafogo. "Quando ele ainda estava nos juvenis, o Quarentinha se machucou. Jair entrou então em seu lugar num coletivo e, nas três bolas que pegou, marcou três gols. O Quarentinha, que não era bobo, logo tratou de ficar bom", recorda Didi, deliciado.

Sorrindo. Fenômeno precoce de talento

Já no fim da carreira, quando retornou ao Botafogo, no início da década de 80, o "Furacão" já não soprava mais com tanta intensidade

Se essa história é divertida, o fato de o atacante ter sido o único jogador a marcar em todas as partidas de uma Copa dá uma medida ainda mais exata de o seu potencial como artilheiro. Para ser um goleador tão temível, Jair tinha na velocidade a sua melhor arma. "Em 1962, cheguei a fazer 100 m em 10s01 durante um treino no Botafogo, com cronometragem manual. O recorde olímpico na época, conseguido em Roma, em 1960, por Armin Harry, era de 10s02", garante orgulhoso o próprio Jair, que desde menino demonstrava ser um amante fiel de tudo o que se referisse à velocidade humana. Sua obsessão com isso era tanta que tinha como passatempo preferido na infância apostar corridas com os amigos. "Saíamos da Rua General Severino, em Botafogo, e íamos até o Leblon, 12 km adiante. Éramos, às vezes, quase cem crianças", lembra o ex-atacante, hoje treinador desempregado. E nem é preciso dizer quem chegava sempre na frente.

Duas de suas características mais festejadas como atleta começaram a ganhar forma naquela época: a massa muscular bem delineada e a paixão pelo aprimoramento físico. "Ele gostava tanto dos treinamentos individuais quanto dos coletivos", garante o médico Lídio Toledo, que trabalhou com o atacante no Botafogo e na Seleção. "E isso não é uma coisa normal. Geralmente, os jogadores só gostam de treinar com bola."

Todo esse esforço e dedicação ao corpo renderam-lhe, primeiro, o reconhecimento dos profissionais da área. "Foi sempre um exemplo para os demais, um atleta que serviu como meu guia," diz ainda hoje, encantado, o preparador físico Admildo Chirol, quem mais trabalhou com Jair no Botafogo e na Seleção. O segundo prêmio ganho pelo ex-ponta-de-lança por seu empenho foi uma perfeita participação no Mundial de 70, quando com suas arrancadas avassaladoras rumo ao gol adversário, fez jus ao apelido de Furacão. "Ele decidiu aquela Copa", diz Nilton Santos, o lendário lateral-esquerdo do Botafogo e da Seleção bicampeã mundial em 1958 e 1962.

Mas, para um jogador ser decisivamente veloz, ele precisa, antes de tudo, possuir bons músculos. E, para que se tenha uma idéia mais clara do que era a formidável massa muscular de Jair, o médico Lídio Toledo recorda uma das contusões sérias que o jogador sofreu em sua carreira. "Aconteceu em 1971, numa partida contra o Vasco. Em campo, um duelo que marcou época: Jairzinho versus o violentíssimo Moisés. O zagueiro deu um tremendo pontapé na coxa do ponta-de-lança. Os músculos resistiram, porém a pancada acabou se refletindo mais abaixo, na inserção deles com a rótula. Ou seja, foi como uma martelada dada em um pedaço de rocha apoiado sobre um tijolo: a rocha (músculos) nada sofreu, mas o tijolo colocado embaixo (a inserção) se esfarelhou. "Se fosse outro jogador qualquer, sem uma musculatura tão forte, a pancada provocaria um grande hematoma", explica Lídio Toledo. "No entanto, a coxa de Jair não apresentava nenhuma marca."

Merecia ou não merecia entrar para a história como o Furacão?

*Mais de 20 anos depois de par[illegible] da [illegible] campeonato mundial no México, Roberto Miranda, um dos grandes [illegible] da garra do Fogão, faz um [illegible] de sua carreira e não demonstra [illegible] de arrependimento. Nem dos gols, nem das confusões e [illegible] que provocou*

# Roberto, a fúria alvinegra

**A RECEITA PARA PARÁ-LO ERA BATER. MAS NEM ISSO O SEGURAVA. ALÉM DISSO, REVIDAVA PARA VALER**

Ele não respeitava zagueiro algum. Fossem os campeões mundiais Brito e Fontana ou meros desconhecidos do interior do Rio de Janeiro. Sua presença na área era sempre decisiva, levando o pé ao encontro da bola mesmo sabendo que receberia um pontapé desleal. Em campo, não existia um homem capaz de intimidá-lo. E, ao menor descuido das defesas, lá estava a bola mansa no fundo das redes. Sua obstinação, no entanto, criou a certeza em cada adversário de que para conter o centroavante Roberto só existia uma receita: violência.

Para isso, desde que assumiu o lugar de Amarildo — vendido ao Milan —, em 1963, o centroavante sentiu os efeitos da deslealdade na pele. E nos ossos. Em treze anos de carreira, Roberto sofreu nove fraturas: no queixo, no braço esquerdo, nas duas clavículas, no tornozelo direito, em uma costela, nos dois joelhos e no tendão de Aquiles. Isso sem contar os cortes profundos na cabeça e supercílios abertos, que, se para outros jogadores seriam casos de relativa gravidade, para Roberto passaram quase despercebidos no meio de tantos problemas mais sérios, e que levaram o narrador carioca Jorge Cury a criar o apelido de Cabra-Macho, para demonstrar toda a sua valentia.

**"Sempre gostei do meu estilo (revidar agressão). E acho até que os zagueiros tinham motivos para usar a violência. Senão tomariam o gol"**
ROBERTO MIRANDA

### A Fúria Alvinegra

Os zagueiros avisavam que iriam bater. Por isso, ele não tinha o menor escrúpulo de, quando preciso, devolver a violência. Só não abria mão de estar na grande área para alegrar os botafoguenses com muitos gols. "Sempre gostei do meu estilo", diz. "E acho até que os zagueiros tinham motivos para usar a violência. Senão tomariam o gol."

Só não perdoava o falecido Fontana, capaz de trocar socos para não vê-lo chegar às redes. Tudo o que viveu continua até hoje na cabeça do jogador, como se fosse um sonho feliz que passou. E nem a última contusão no joelho, que o afastou do futebol, em 1976, o faz perder uma certeza. "Se pudesse, começaria tudo de novo"

### Violência só nas lembranças

Depois de parar de jogar, em 1976, no Corinthians, Roberto passou a viver em Niterói, no Rio, com a mulher e as filhas Roberta e Michelle.

Longe da violência dos zagueiros cariocas, hoje o antigo centroavante trabalha como relações-públicas do banqueiro de jogo do bicho Capitão Guimarães. Do campo, guarda só as recordações

### A PRIMEIRA ALMA DA 7

Qual a melhor forma de um jogador se consagrar além de comandar a equipe em uma final de campeonato e ajudar a quebrar um jejum de treze anos sem títulos? O ponta-direita Paraguaio, um dos primeiros jogadores na história a inscrever seu nome na galeria dos deuses cultuados pela torcida botafoguense (assim como Roberto, por sua garra), descobriu a resposta na decisão do Campeonato Carioca de 1948. Ele marcou o primeiro gol e fez toda a jogada do segundo na vitória por 3 x 1 que liquidou o Vasco, criando com sua gana uma sintonia tão grande entre ele e a torcida que acabou assumindo o comando do time no início dos anos 70.

Em 1971, levou o Botafogo à terceira colocação no Campeonato Brasileiro e ao vice-campeonato estadual, perdendo o título na final contra o Fluminense com um gol contestável do ponta-esquerda Lula. É dentro de campo, porém, que continua sendo lembrado como um apaixonado pelo Botafogo e responsável direto por um dos maiores momentos da história alvinegra. Por isso, quem o viu em ação tem certeza de que, mesmo antes de Garrincha, a camisa 7 do clube já havia sido honrada

*Não foi só o título do Campeonato [illegible] de 1995 que marcou a passagem de [illegible] pelo Botafogo. [illegible] reverente [illegible] Alvinegro o melhor momento de sua carreira, marcando muitos gols, rivalizando com Romário e transformando-se em ídolo da torcida botafoguense*

# Túlio Maravilha

**NUM CAMPEONATO CHEIO DE ESTRELAS, ELE SERIA APENAS O BOBO DA CORTE COM SUAS FRASES DE EFEITO. MAS SEUS GOLS O FIZERAM ROUBAR A CENA**

POR SERGIO GARCIA

Depois de anos na mais humilhante penúria, o Campeonato Carioca fez as pazes com a torcida e o bom futebol nesta temporada. O passado recente era patético. Em 1992, por exemplo, a soma da renda de todos os jogos (365 mil dólares) tinha sido pouco maior do que apenas as duas partidas das finais do Paulista, entre Palmeiras e São Paulo (305 mil dólares). Em 1995, cada qual a seu jeito, os clubes investiram em grandes nomes. O Fluminense conseguiu ressuscitar Renato Gaúcho, que pulava de time em time sem nunca repetir as grandes atuações dos tempos de Grêmio e Flamengo. Já o Vasco manteve a base da equipe tricampeã com Ricardo Rocha, Leandro e Valdir. Quanto ao Flamengo, parecia não ter páreo com a chegada do técnico Vanderlei Luxemburgo e dos reforços de Branco, Valber e Romário. Foi aí que um botafoguense resolveu ofuscar todo mundo.

Túlio Humberto Pereira Costa estava pronto para o estrelato. Ele chegara no início de 1994, depois de uma temporada fria no Sion, da Suíça. Vinha decidido a fazer história. "O Botafogo era a minha grande chance de aparecer", explica. Começou a falar pelos cotovelos e se autoproclamava o verdadeiro Rei do Rio. "Túlio ou nada!", "Túlio bem...", "Eu sou o Cristo Redentor do Rio" e outras fanfarronices viraram marca registrada. Seria coisa de bobo alegre, se não marcasse tantos gols. Logo o salário de 22 mil dólares no clube ganhava um substancial aumento. Túlio mais que duplicou seus rendimentos ao virar garoto-propaganda do refrigerante 7Up. Por força de contrato, o jogador trocou a camisa 9 pela 7 e a empresa passou a ter exclusividade na exploração de imagens do ídolo na TV. "Escolhemos Túlio porque ele resgatou a alegria do futebol e tem ótima penetração no público jovem", explica Carlos de Araújo Ricardo, gerente de marketing da 7Up.

## Massagem no ego

A tese é reforçada pelo estrondoso assédio da moçada quando Túlio foi gravar sua participação no Programa Livre, de Serginho Groisman, em abril, ou então pelas 400 cartas que o botafoguense recebe por mês. Para o vaidoso goiano, que não sai sem gel no cabelo e fica chateado se ninguém o reconhece num local público, é a glória. Hipersensível à luz (os óculos escuros são inseparáveis), Túlio ainda está se acostumando aos spots de estúdio que tanto incomodam a visão e fazem tão bem ao ego.

Com tamanha euforia, já se fala sobre uma inevitável volta ao exterior. No começo do ano, havia uma proposta tentadora do Japão, novo Eldorado futebolístico, reforçada pela vontade da mulher, Alessandra, de voltar a morar fora. O Botafogo recusou. "Não vendo o passe de jeito nenhum até o fim do ano", promete o presidente Carlos Augusto Montenegro, também diretor do Ibope. Ele comprou o passe de Túlio por 1,4 milhão de dólares. "Depois disso, só por mais de 7 milhões de dólares." O cartola sabe que a importância do artilheiro para o clube não se limita aos gols marcados e ao bom astral. Com 25 anos, Túlio tem dado conselhos como um veterano. Aos mais jovens, recomenda não fazer sexo 24 horas antes da partida. "Desgasta", justifica.

## O Anti-Romário

Túlio também levou umas lições, a contragosto. Inflado pela torcida e pela imprensa, deixou que a imagem do Anti-Romário o envolvesse. Havia razão de ser. Ele não curte badalações noturnas, nunca foi visto em encrencas com mulheres, é bem-humorado, obsequioso e extrovertido. Exatamente o oposto do rival rubro-negro, um sujeito com talento de super-herói, mas maneirismos de vilão nas respostas monossilábicas e sorrisos parcimoniosos. Era ou não era Anti-Romário em carne e osso? "Que é isso! Sou um jogador igual a todo o mundo", disfarça, hoje, o botafoguense.

Túlio ia bem até ser expulso de maneira infantil na decisão da Taça Guanabara, dia 23 de março. Pior do que sair aos 19 minutos do primeiro tempo depois de trocar pontapés com o zagueiro Aguinaldo, foi ver um baixinho enfezado dar show naquele Maracanã lotado. Túlio perdeu tudo: a partida (Romário 3 x 2), uma noite de sono e também o ar fanfarrão. Foi quando o brincalhão percebeu que estava virando bobo da corte. Afirmava ter sido mal interpretado em suas declarações, que, ele garante, não queriam menosprezar ninguém. Optou, então, pela retranca. "Quando vejo as fitas com as minhas antigas entrevistas, digo para mim mesmo que não tinha nada a ver", reconhece Túlio. "Daquele jeito, a história não ia acabar bem." Era a hora do drama, de se desculpar pelos erros e sofrer com os gols que já não apareciam mais com tanta freqüência. Esse calvário reacendeu o lado religioso do seguidor do Ministério da Comunidade Cristã, de

Goiás. Dias atrás, ele passou por um batismo na piscina de seu apartamento.

Credite-se a Deus ou a qualquer outro fator, mas em pouco tempo Túlio reencontrava seu caminho em campo. Marcou quatro gols contra o Volta Redonda e esquentou de vez a briga pela artilharia do campeonato. Na Seleção Brasileira, fez mais. Ele, que já humilhara o goleiro com um drible de corpo no amistoso contra a Eslováquia, em março, deu para enfiar gol de todo jeito contra o Valencia, da Espanha, dia 27 de abril — de cabeça, na perna direita e perna esquerda. Era o atacante retomando o sucesso com a ajuda de seu principal aliado: redes balançando.

## Artilheiro precoce

É assim desde 1989, quando o garoto ainda amador transformou-se, com 11 gols, no artilheiro do Brasileirão pelo Goiás. Repetiu a dose em 1994, já no Botafogo, com outros 19 gols. Na média, é o maior artilheiro do clube pelos seus 60 gols em 65 jogos. Em números absolutos, a honra cabe a Quarentinha (302 gols em 423 partidas, de 1954 a 1964), seguido por Garrincha (232 gols em 581 partidas, de 1953 a 1963). Túlio também

> **"Quando vejo as fitas com as minhas antigas entrevistas, digo para mim mesmo que não tinha nada a ver"**
>
> TÚLIO, ARREPENDIDO POR TER DADO DECLARAÇÕES DO TIPO "SOU O CRISTO REDENTOR DO RIO"

é o primeiro artilheiro do Botafogo no estadual desde 1984, quando por várias rodadas a liderança coube a Baltazar, também goiano e assim (esfregue os dedos indicadores) com Deus.

Essa história de neo-carola não faz a cabeça de todos os botafoguenses. "Em breve, Túlio vai voltar a ser o mesmo", arrisca Montenegro, presidente do Botafogo, escolado em previsões. Pode ser que ele não resista a novas brincadeiras verbais, mas nem tente sair de linha em outros campos. "O Júnior Baiano não deixa marca em cima", diverte-se Túlio, que não está falando sobre o ex-zagueiro do São Paulo e, sim, da mulher, Alessandra.

Justiça seja feita. Alessandra, as filhas Gabrielle, 5 anos, Marcella, 2, e o secretário Eurípedes — um amigo de infância que acompanha o craque a todo canto — testemunham que Túlio faz o tipo paizão. Costuma ir à praia com os filhos de Romário, que são seus vizinhos. Diariamente liga para Goiânia e conversa com os pais, o fiscal aposentado Mussolini Braga Costa e a professora Marlene Pereira. O máximo de ostentação a que se permite é usar um BMW 740i ou um Mitsubishi Pajero para vencer os 50 quilômetros entre a cobertura na Barra da Tijuca e o estádio de Caio Martins, campo de treinamento do Botafogo em Niterói.

O centroavante está com a língua menos solta, mas nem por isso deixou de brincar. Para Beto, seu companheiro de time, e de quarto de concentração, costuma dizer que negro bom camisa 10 existiu um: Pelé, que, apesar de só ter visto jogar pela televisão, é o seu maior ídolo. Túlio tem tiradas desconcertantes como seus dribles na área. Véspera de jogo contra o Vasco, ele puxou conversa com um admirador tímido. "Qual é o seu time?", quis saber. "Vasco, mas não vou ao estádio para ver você nos humilhar", respondeu o rapaz. "O que é isso? Pense positivo", aconselhou o atacante, para logo depois emendar de primeira: "Pense que vai perder de pouco." ●

Na primeira partida da final do Brasileiro de 1995, no Maracanã, Túlio comemora e o primeiro-filho Edinho, do Santos, cai sentado: o título foi para o Fogão

[illegible] em um momento [illegible] mas conseguiu reverter a situação e confirmar a fama [illegible] a Taça Guanabara com a campanha histórica de 12 [illegible] em 12 jogos

POR SÉRGIO GARCIA

# Multi-homem

**O MOTORZINHO ESTÁ SEMPRE NO LUGAR CERTO, NA HORA CERTA. POLIVALENTE E PÉ-QUENTE, ELE APRONTOU DE NOVO E FEZ DO BOTAFOGO O CAMPEÃO DA TAÇA GUANABARA**

Aílton tem vocação para missões aparentemente impossíveis. Recém-chegado ao Botafogo no início do ano, as perspectivas eram desanimadoras. O clube acabara de vender seu maior ídolo, Túlio, ao Corinthians, e o atraso salarial caminhava para o terceiro mês. Em campo, o Botafogo tratou de tirar o atraso de 28 anos sem conquistar a Taça Guanabara — equivalente ao Primeiro Turno do Estadual — com uma campanha brilhante, a melhor da história do troféu criado em 1965. Foram 12 vitórias em 12 jogos, quebrando o recorde do Vasco de dez vitórias seguidas em começo de competição, no torneio de 1968. "Quando começo a reclamar de alguma coisa, minha mulher se intromete: 'Aílton, você não pode se queixar da sorte'", diz o meia do Botafogo. Tem sido assim nos últimos anos. Aílton virou um amuleto nos clubes por onde andou. Em 1995, contribuiu decisivamente para interromper o jejum Tricolor de nove anos sem o estadual.

Na final contra o Flamengo, mais de 40 minutos do segundo, o Fluminense estava com um jogador a menos. O meia entra na área e chuta a bola para as redes, com um desvio de rota na pança de Renato Gaúcho. Três a dois para o Flu, que vence o campeonato. Ano passado, no Grêmio, ele entra no segundo tempo. A cinco minutos do fim da decisão, Aílton liquida a Portuguesa. Faz o gol do título brasileiro para o Tricolor gaúcho. E olha que ele pegou de bate-pronto com o pé esquerdo, que não é o seu forte. Agora a história se repete no Botafogo. Não teve gol decisivo (guardou seu gol para o clássico contra o Flamengo uma semana mais tarde), mas nem foi preciso. "Falaram que eu estava morto quando saí do Grêmio", caçoou. "Taí o defunto dando mais uma volta olímpica." Faz tempo que Aílton dá volta olímpica, ainda que jamais tenha se firmado como um ídolo popular. Para muitos torcedores, o jogador é bem mais conhecido pela famosa patolada que deu em 1995.

Ao festejar um gol do Fluminense, ele deu aquela pegadinha no bráulio do companheiro de clube Rogerinho e ficou com má fama. O craque jura que tudo não passou de um tremendo mal-entendido e a patolada teria sido acidental. Mas a turma das arquibancadas costuma se esquecer do lado menos folclórico e vitorioso de Aílton. O currículo de conquistas começou no Campeonato Carioca Infantil de 1980, quando fazia dupla de área com um tal de Romário, no Olaria. Ao completar 18 anos, embarcou para o Flamengo. Saiu de lá tonto de tanto correr em volta do campo com uma taça na mão: foi campeão estadual em 1986 e 1991, Brasileiro em 1987 e da Copa do Brasil em 1990. Só que o jogador estilista, que tinha a preocupação exclusiva do gol, teve que aprender a marcar o adversário na Gávea. "Meu pai disse para eu mudar o estilo porque naquele time já tinha o Zico e eu teria que ralar muito para assegurar um lugarzinho na equipe", conta.

> **"Quando começo a reclamar de alguma coisa, minha mulher se intromete: 'Aílton, você não pode se queixar da sorte'. Não mesmo"**
>
> AÍLTON

O solista da orquestra virou carregador de piano. Ganhou o estigma de jogador burocrático, experimentou a lateral-direita do Flamengo e conheceu o banco de reservas.

Mas não foi por isso que arrumou as malas para jogar no Guarani e depois no Japão. "Jogador é igual a puxador de escola de samba: só ganha dinheiro quando muda de time", admite. De fato, só quando deixou o Fluminense, Aílton fez seu pé-de-meia. Às vésperas de completar 30 anos, já estava quase com o passe livre e o Tricolor carioca não teve alternativa senão liberá-lo. "O Grêmio ofereceu 450 000 reais ao Fluminense e outros 450 000 foram para o jogador.

"O Aílton me pediu para sair", lembra Valquir Pimentel, o dirigente da época. "Não dava para segurar, até porque em três meses ele teria o passe e o clube nada ganharia." De transferência em transferência, Aílton vem forrando seu pé-de-meia. Seja com os 15% que o jogador leva quando permanece pelo menos 30 meses no clube, seja com as luvas que são pagas na assinatura do contrato, o dinheiro vem pingando na conta de Aílton. Assim

**Comemorando, com o lateral Wilson Goiano: Aílton tinha estrela e costumava brilhar em partidas decisivas por todos os clubes pelos quais passou**

o craque conseguiu comprar seus dois carros importados, nove imóveis no Rio de Janeiro e juntar recursos para sua grande tacada. Associado ao amigo e hoje botafoguense Djair, ele está montando um supernegócio na Barra da Tijuca. A idéia é fazer uma casa noturna com 5 000 metros quadrados, danceteria, choperia, restaurante e capacidade para 1 000 pessoas. "Prefiro não falar em números", pipoca o sócio Djair. Quem viu o projeto, contudo, calcula que é coisa de pelo menos um milhão de dólares.

Foi com as finanças equilibradas que o jogador chegou ao Grêmio. Aílton desembarcou com fama do artilheiro que substituiria Arílson e não demorou muito para esquentar o banco de suplentes. "O Aílton não era mesmo tudo isso", diz Manoel Tobias, considerado o melhor jogador de futsal do planeta. Depois que Aílton chegou, Tobias, que tentava mostrar seu talento também nos gramados, foi encostado no time do Grêmio e logo depois voltou para as quadras de futebol de salão. Enquanto isso, Aílton agüentava a reserva. "A imprensa pegou no meu pé", desculpa-se. O gol do título poderia mudar tudo, mas a diretoria do Grêmio achou que o sucesso subiu à cabeça do meia. Um salário de 50 000 reais por mês para um reserva era demais para a realidade gaúcha. Botafogo, Cruzeiro e Atlético Paranaense disputaram o amuleto e Aílton preferiu o time carioca por poder retornar ao Rio com a mulher Cássia e o três filhos. Trocado por empréstimo com Dauri até o fim do ano, seu passe está fixado em 700 000 reais. Aos 31 anos, Aílton acha que está no ponto. "Fui injustiçado por nunca ter ido para a Seleção. O Zagalo tem chamado jogadores de idade e, pelo que vejo, eu teria condições de estar lá." Já pensou Zagalo e Aílton juntos? Haja pé-quente!

*Com seu estilo surfista, Rodrigo chegou a General Severiano com uma árdua tarefa: devolver a esperança de gols e títulos para a torcida do Botafogo. Após três temporadas no Alvinegro, tornou-se o jogador mais valorizado do clube, mas não conseguiu levantar a taça tão esperada.*

# Luz no fim do tubo

**RODRIGO GOSTA DE ESPORTES RADICAIS, COMO SURFAR ONDAS GIGANTES E JOGAR PELO BOTAFOGO** POR LÉO ROMANO

A única característica dos boleiros tradicionais que Rodrigo possui é a intimidade com a bola. Em vez de ouvir pagode, prefere surf music. Em vez dos bares de pagodeiros, a sua diversão predileta é pegar uma boa onda. Às vezes, quando os treinamentos não são tão puxados, chega a levantar-se às cinco da manhã para surfar antes do treino — isso faz com que seja um dos jogadores do Botafogo com melhor preparo físico. "Durante a temporada é difícil. Mas nas férias sempre tiro duas semanas para curtir umas boas ondas", diz ele, que já pegou ondas até em Pipeline, santuário havaiano dos surfistas.

Junto com Paulo Autuori, que voltou para comandar o time neste Brasileiro, Rodrigo é a grande esperança da torcida alvinegra de ver o time jogando um bom futebol e disputando o título em vez de lutar contra o rebaixamento. Depois da saída de Donizete, passou a ser estrela-mor da companhia.

Realmente, pelo talento e também pelo estilo, é diferenciado dos outros companheiros de profissão. Veio de família de classe média alta de Santos e só continuou no futebol por pura insistência. Chegou a cursar dois anos de Administração e um ano de Direito na Universidade Metropolitana de Santos (Unimes), mas não conseguiu conciliar com o futebol. Com isso, largou o futebol para trabalhar na firma de calçados do pai, Carlos Alberto, como assessor de finanças. "Via os jogos na TV e pensava que poderia estar em campo."

Mas Rodrigo deu sorte e, no início do ano seguinte, sua vida deu uma reviravolta. O então supervisor da Portuguesa Santista, Edgar Ararinha, o chamou para treinar com o time profissional. Ficou seis meses lá e, como não havia competições para o time disputar no segundo semestre, foi estudar inglês nos Estados Unidos e participou da Liga Interestadual pelo time da Universidade de Des Moines, em Iowa. Em 1996, foi para o Gama, a convite do falecido técnico Orlando Lelé. Aí sua carreira decolou de vez.

## Quanto mais radical, melhor

Se Rodrigo algum dia teve dúvida se iria ser profissionalizar no futebol, nunca teve dúvida de que o surfe era a segunda paixão de sua vida. Ele começou a pegar ondas aos 7 anos, por influência de um tio chamado Luiz, que era surfista. Hoje em dia conhece grandes nomes do esporte no Brasil, como Picuruta Salazar e Renan Rocha, além de Carlos Burle, surfista de ondas gigantes. Na busca por ondas perfeitas, Rodrigo quase deu uma volta ao mundo curtindo as melhores praias do planeta. Além do Havaí, já esteve em Bali, Costa Rica, República Dominicana e México. Apesar do hobby um tanto perigoso, ele nunca correu riscos exagerados pegando onda. Entretanto, passou por uma daquelas durante uma viagem ao Havaí. Ele esteva com alguns amigos em Jocko's Beach e não queria saber de sair da água.

Nem mesmo quando seus companheiros saíram da praia para telefonar Rodrigo deixou o mar. "Depois, quando fui sair, estava muito cansando e o braço ficou travado. A correnteza lá é forte e quase bati numa pedra. Mas depois consegui sair na boa."

O espírito radical de Rodrigo não termina aí. Se no surfe ele já conseguiu viver grandes emoções, agora ele quer se especializar também em outros esportes aquáticos. Depois de pegar ondas grandes entrando no mar com ajuda de jet-skis (técnica conhecida como tow in), ele está tentando o wakeboard, um tipo de esqui aquático com prancha no lugar dos esquis. O próximo desafio é o kite, espécie de surfe no qual o surfista se move com a ajuda de um pára-quedas (kite é "pipa" em inglês).

O perfil é de surfista, mas pegar onda não passa de um hobby para Rodrigo. A sua grande paixão mesmo é o futebol. Sem mudar o estilo, vem tendo sucesso, tanto que, depois de quase três temporadas no Botafogo, tornou-se o jogador mais valorizado e cobiçado do elenco alvinegro. Nestes tempos de especulação atrás de especulação, Rodrigo teve seu nome cogitado para defender o Flamengo, São Paulo e Santos. O Botafogo quer 3 milhões de dólares por ele (apesar da extinção do passe), enquanto o pai de Rodrigo (que fez um acordo com o clube para ser dono de 60% do valor da venda) acha que ele vale 10 milhões. A última sondagem foi do Palmeiras, que tirou Misso e Donizete do clube. "Mas também houve consultas de clubes do exterior, como Atlético de Madrid e outros da Espanha", diz. "Quero ficar no Botafogo por muito tempo ainda."

Caso permaneça, Rodrigo sabe que poderá ter momentos difíceis pela frente. Atrasos de salários já se tornaram rotina no alvinegro e ainda assim ele alivia a barra dos cartolas. "É o time que menos deve (*ah, é?*). Estamos vendo os esforços da diretoria e tenho certeza de que daqui para frente as coisas vão ser diferentes." Para quem gosta de surfar ondas gigantes, não é nada de mais.

# O MUNDO DE ESPECIAIS PLACAR

**Confira o vasto cardápio com todas as edições especiais publicadas em 2002 e o que ainda vem por aí...**

## COLEÇÃO COPA 2002

**PLACAR NAS COPAS (ABRIL)**
As reportagens de todos os jogos da Seleção Brasileira desde 1970 publicadas na PLACAR. **52 páginas, R$ 4,50.**

**SELEÇÃO DO POVO (ABRIL)**
Pesquisa revelando quem eram os preferidos da torcida e os perfis da Família Scolari. **52 páginas, R$ 4,90.**

**GUIA DA COPA (MAIO)**
O melhor guia com fichas e fotos dos 736 jogadores do Mundial de 2002. **148 páginas, R$ 6,80.**

**O MELHOR DA COPA (JULHO)**
A grande final, os 10 jogões, os 10 surpresas, as 10 decepções, as imagens mais incríveis, o tabelão completo. **114 páginas, R$ 6,90.**

**PÓS-JOGO COPA 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (JUNHO)**
Seis especiais pós-jogos com fotos e textos das partidas do Brasil, perfis e tabelão da Copa. **36 páginas, R$ 3,90 cada.**

**DVD A HISTÓRIA DO FUTEBOL 1, 2, 3 e 4 (JUNHO)**
Quatro revistas com DVDs dos filmes oficiais da Fifa com os gols e melhores momentos das Copas de 30 a 98. **R$ 19,90 cada.**

**O PENTA TAMBÉM É SEU (AGOSTO)**
Livro do fotógrafo da PLACAR Ricardo Corrêa com as melhores imagens do Mundial 2002. **100 páginas, R$ 19,90.**

**100 FOTOS DA SELEÇÃO (JULHO)**
Especial de luxo com as 100 melhores fotos da Seleção Brasileira em todos os tempos. **100 páginas, R$ 9,90.**

**PÔSTER BRASIL PENTA (JULHO)**
O superpôster do Brasil, as fichas dos pentacampeões, autógrafos e a reportagem da final. **R$ 2,50.**

## COLEÇÃO GUIAS E CAMPEÕES

**EDIÇÃO DOS CAMPEÕES (JANEIRO)**
Pôsteres de todos os campeões nacionais de 2001. Para guardar e colocar na parede.
**48 páginas, R$ 4,50**

**PÔSTER CRUZEIRO SUL-MINAS (MAIO)**
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 3,50.**

**GUIA DO SEMESTRE (MARÇO)**
Guia dos regionais, estaduais, Libertadores e Copa do Brasil com informações sobre os clubes participantes.
**84 páginas, R$ 4,90.**

**PÔSTER CORINTHIANS RIO-SÃO PAULO (MAIO)**
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 2,90.**

**100 FOTOS DO CORINTHIANS (MAIO)**
Especial de luxo com as 100 melhores fotos do Corinthians em todos os tempos.
**100 páginas, R$ 9,90.**

**PÔSTER BAHIA COPA DO NORDESTE (MAIO)**
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor.
**R$ 3,50.**

## COLEÇÃO 13 CLUBES

**GRANDES PERFIS**
Os melhores perfis publicados na PLACAR desde 1970 de Flamengo, Corinthians, Atlético-MG, Internacional, Vasco, São Paulo, Grêmio, Cruzeiro, Fluminense, Palmeiras, Bahia, Santos e Botafogo. Em 13 edições especialíssimas.
**52 páginas, R$ 4,90, a partir de setembro.**

# E o que vem por aí...

## COLEÇÃO BRASILEIRÃO 2002

**GUIA DO BRASILEIRÃO**
O melhor guia com fichas e fotos dos 486 jogadores do Brasileiro de 2002, curiosidades, tabelas e muito mais. **128 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas**

**A HISTÓRIA DO BRASILEIRÃO**
Especial acompanhado de CD-ROM que traz as fichas completas dos 11 065 jogos do Campeonato de 1971 a 2001. **32 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas.**

**ALMANAQUE DO BRASILEIRÃO**
Especial com mais de 100 perguntas sobre o Brasileiro, Tabelão de 2002, as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em outubro.**

**REVELAÇÕES DO BRASILEIRÃO**
Especial com os destaques do campeonato, as fotos como assinatura PLACAR, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em novembro.**

**RETROSPECTIVA DO ANO**
Especial com o que aconteceu de melhor no Brasileirão, Copa do Brasil, estaduais, Copa do Mundo e destaques do ano do futebol. Além do Tabelão do Brasileiro, Bola de Prata e Chuteira de Ouro. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em dezembro.**

**O MELHOR DO BRASILEIRÃO**
Especial com os 10 jogões, os 10 surpresas, os 10 decepções, o Tabelão completo de todo o campeonato, o resultado final da Bola de Prata e da Chuteira de Ouro. Para as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas no final de dezembro.**

## VENDAS POR INTERNET

**NO SITE WWW.PLACAR.COM.BR (LOJA PLACAR) É POSSÍVEL COMPRAR PACOTES DOS ESPECIAIS PUBLICADOS EM 2002**

**» Pacote Copa total:**
Os seis especiais pós-jogo, o Melhor da Copa e o Pôster do campeão: de R$32,80 por R$19,90 mais frete.

**» Pacote 4 DVDs:**
Os quatro especiais História das Copas com os vídeos oficiais dos Mundiais de 1930 a 1998: de R$79,60 por R$69,90 mais frete.

**» Pacote Corinthians:**
O Almanaque do Timão, o especial 100 Fotos do Corinthians e o pôster do campeão da Copa do Brasil: de R$22,70 por R$14,90 mais frete

**Para comprar algum revista específica basta pedir ao jornaleiro mais próximo*